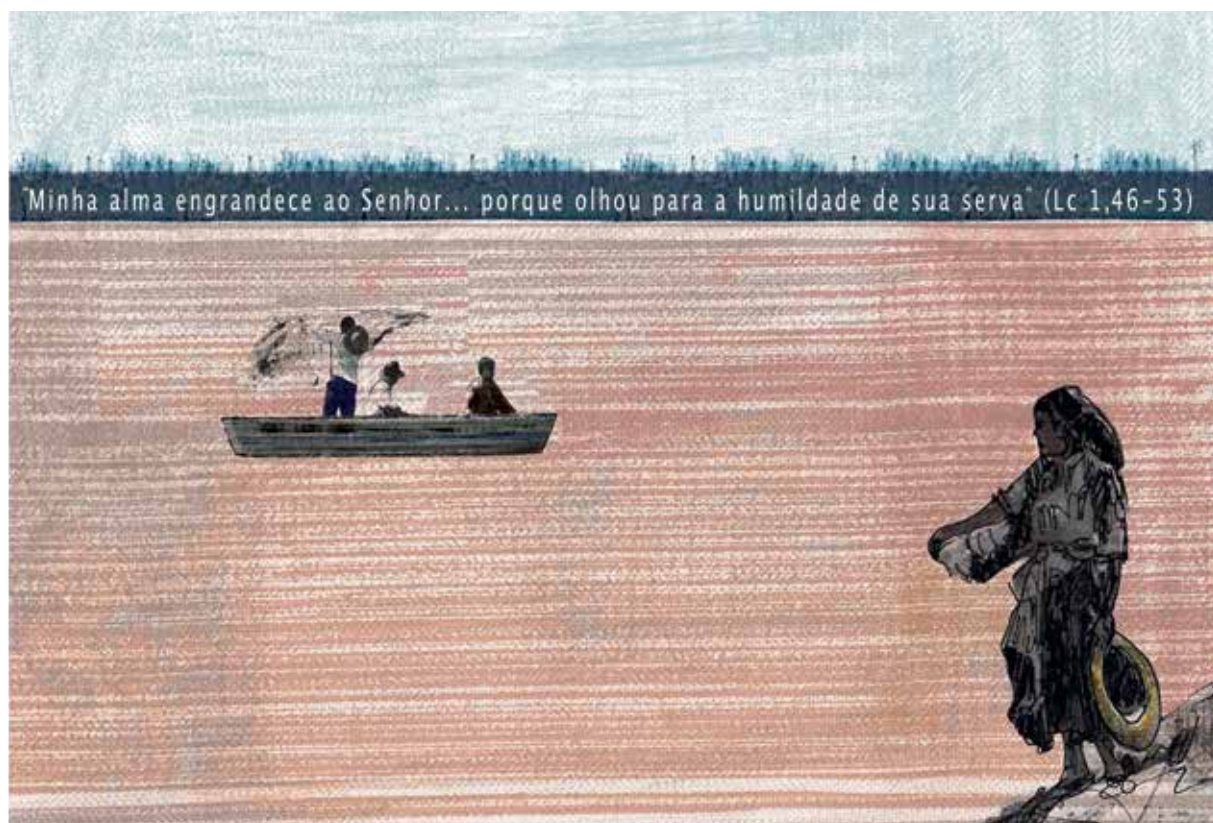




Nossa Senhora Aparecida: 300 anos de encontro com o Povo Brasileiro (1717-2017)

3 APARECIDA: casa da mãe
de Deus e do povo
brasileiro
José Oscar Beozzo

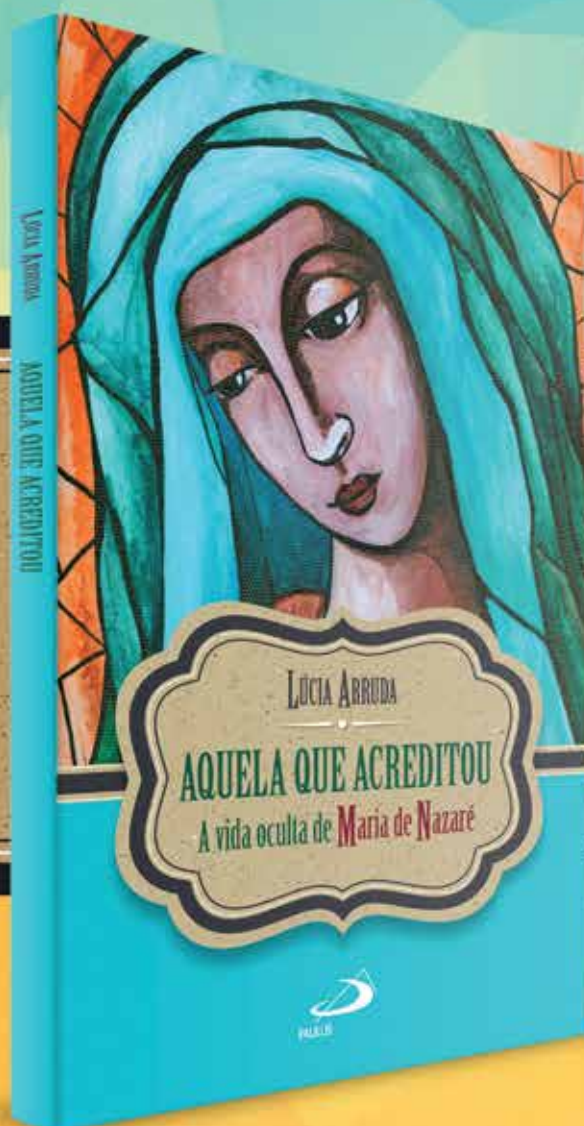
11 Nossa Senhora
Aparecida
e o nacionalismo
José Cordeiro

19 Aparecida e
a devoção popular
Fernando Altemeyer Junior

27 Aparecida na curva do
rio
Maria Cecília Domezi

33 Roteiros homiléticos
Johan Konings

Maria, bendita és tu entre as mulheres!



Aquele que acreditou **A vida oculta de Maria de Nazaré** *Lúcia Arruda*

Esta obra, escrita em forma de romance bíblico, conta a história “daquela que acreditou”, desde seu nascimento até seus últimos dias em Jerusalém. A figura de Maria que emerge destas páginas é a de uma mulher simples, do povo, que viveu plenamente a vida humana, com suas agruras e tristezas, alegrias e realizações, colaborando com fidelidade no plano de salvação de Deus para toda a humanidade.

PAULUS,
dá gosto de ler!

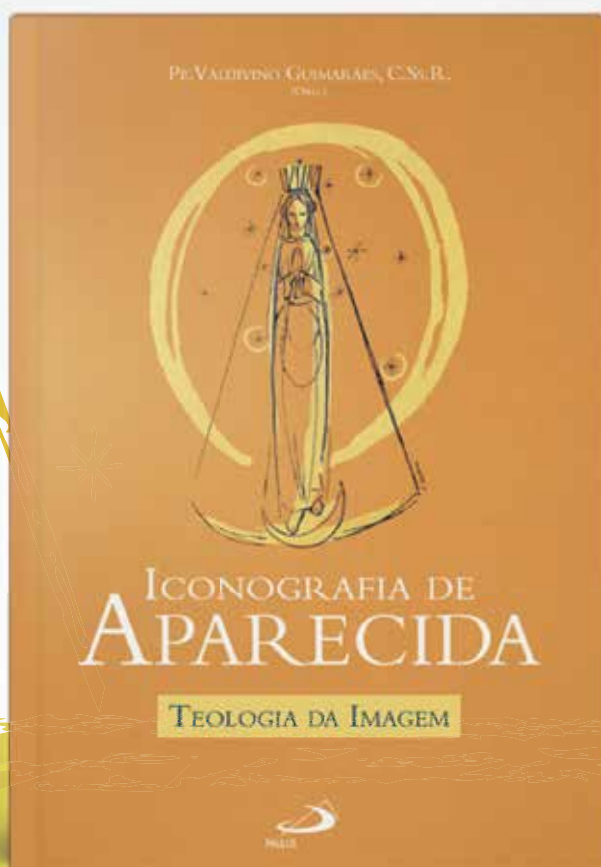
paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Na imagem está a presença do invisível

Iconografia de Aparecida Teologia da Imagem

Pe. Valdivino Guimarães, C.Ss.R. (org.)



80 páginas

Este livro é o resultado de intenso estudo e pesquisa sobre a iconografia de Nossa Senhora Aparecida, compilando textos de teólogos, historiadores e especialistas em arte sacra. A obra é um auxílio para compreendermos a teologia da imagem de Maria, numa abordagem bíblica, teológica e pastoral, partindo da imagem de Aparecida e de sua mensagem para a caminhada de Fé da Igreja.

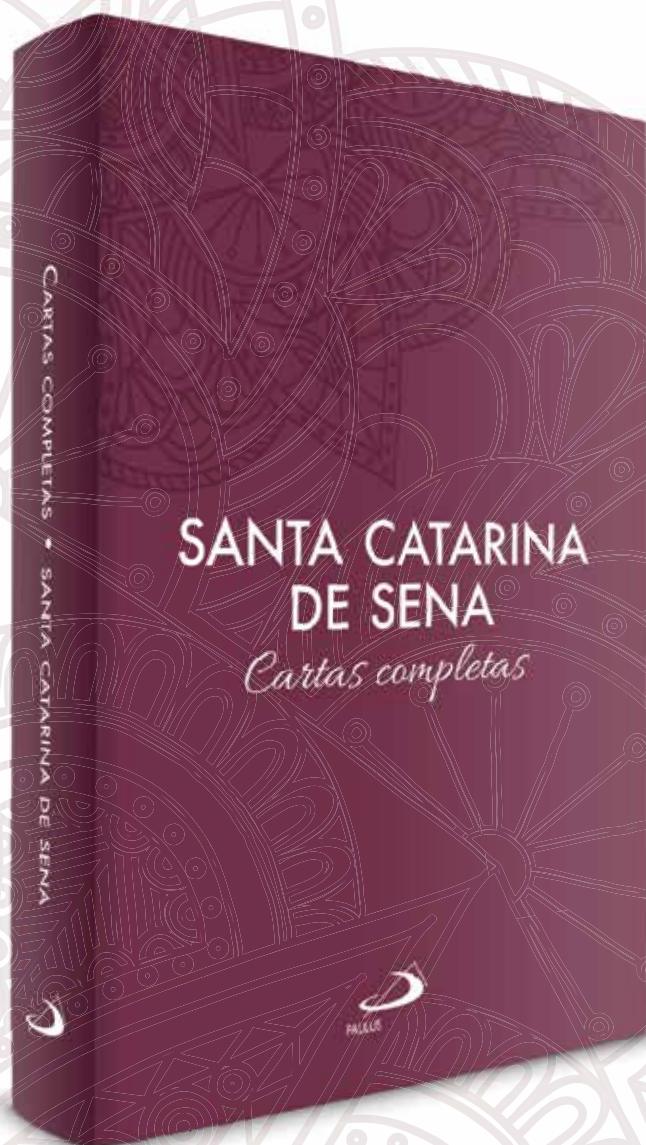
PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br


PAULUS

SANTA CATARINA DE SENA,

exemplo de fé



Santa Catarina de Sena **Cartas completas**

Santa Catarina

Santa Catarina sempre demonstrou grande amor pela Igreja e pelo mundo. Nos dez últimos anos de sua vida, ela escreveu ou ditou 382 cartas sobre os mais diversos assuntos, marcadas pela sabedoria e profundidade teológica que a conduziram ao posto de Doutora da Igreja. Esta obra apresenta integralmente as cartas de Santa Catarina, revelando o espírito vibrante que a tornou exemplo de fé.

1320 págs.

PAULUS,
dá gosto de ler!

paulus.com.br
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br



Prezados irmãos e irmãs, graça e paz!

O povo brasileiro sempre teve um grande amor por Nossa Senhora. Do Oiapoque ao Chuí, as devoções, com os mais variados títulos, amplificam esse amor. Está na alma de nossa gente o carinho, o respeito, a fé e a devoção incondicional à Mãe de Deus. Ela é presença em todos os momentos da vida, nas alegrias e tristezas, dores e esperanças. É Maria, companheira noite e dia.

É companheira na vida de todas as Marias em seus inúmeros partos. Que o diga dona Mírian, sertaneja que tem no nome a variante do nome da jovem de Nazaré “prometida em casamento a um homem chamado José” (Lc 1,27). Mírian significa o mesmo que Maria: pureza, virtude, virgindade. No nome e na vida, a expressão da garra, coragem, determinação e entrega total nas mãos do Todo-poderoso e misericordioso. Só Deus é grande, e se fez pequeno no ventre de Maria. Em Jesus, Deus se fez em tudo semelhante a nós, menos no pecado (Hb 4,15).

Mírian, mãe de 12 filhos, todos nascidos em casa sob o olhar bondoso e leve de Nossa Senhora do Bom Parto e dos cuidados atentos da parteira solidária, também de nome Maria. Naquele tempo parto natural não era opção nem estava na moda; era a única saída. Partos à luz de lamparina a querosene. Eletricidade era luxo de grã-finos da cidade grande. O galo cantava rasgando a madrugada. A criança chorava anunciando que a vida supera toda precariedade.

O Filho de Deus nascido de Maria, naquela noite fria, na plenitude do tempo (Gl 4,4), também chorou, superando o silêncio da indiferença e da exclusão dos mais pobres dos pobres. Seu choro ressoou por toda a terra, lá onde os pequenos são humilhados e esquecidos pelos prepotentes do mundo, que se consideram poderosos. Poderoso é Deus, e se faz criança.

Em Maria está provado que a humanidade é capaz de receber o dom de Deus, não obstante sua precariedade. Toda a narrativa bíblica mostra que a pobreza e a insuficiência da vida humana não são nada diante do poder do amor, porque tudo o que Deus fez é muito bom (Gn 1,31). Ele ama incondicionalmente a humanidade e toda a sua criação. Por amor, enviou seu Filho ao mundo – não para condenar, mas para que o mundo seja salvo por meio dele (Jo 3,17).

Maria de Nazaré deu à luz seu filho primogênito. Envolveu-o em panos e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na sala (Lc 2,7). Não havia também lugar nos salões dos grandes do Brasil de 1917 para os pescadores Domingos, Filipe e João. Naqueles dias e nas noites infindas, o rio não estava para peixe. Os três pescadores haviam recebido ordem: abastecer a mesa já farta dos ricos. Eles tinham fome, mas antes tinham de doar o suor do trabalho aos que são abastados. Maria vem em seu socorro, desfigurada como eles, partida de dor igualmente. “Meu filho, eles não têm mais vinho” (Jo 2,3). A alegria se faz. A pesca foi milagrosa (Lc 5,1-11). Os três representam todos os brasileiros deixados à margem. A eles são impostos os fardos mais pesados para alimentar o luxo dos mais ricos.

Maria, Mírian, Domingos, Filipe, João são todos os humildes exaltados pela bondade e misericórdia de Deus (Lc 1,53). Deus, ao escolher Maria – mulher pobre e humilde, de um lugar quase perdido (Galileia) –, especificamente na figura de Nossa Senhora Aparecida, escolhe os pobres e humilhados do Brasil. Que ela continue a nos abençoar.

Pe. Antonio Iraildo Alves de Brito, ssp
Editor

Editora PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
Diretor Pe. Claudiano Avelino dos Santos
Editor Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
MTB 11096/MG
Conselho editorial Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito,
Pe. Claudiano Avelino dos Santos,
Pe. Darci Marin e Pe. Paulo Bazaglia
Ilustrações Elinaldo Meira
Editoreção Fernando Tangi

Revisão Tarsila de Oliveira Delfine Doná, Alexandre Soares Santana
Assinaturas assinaturas@paulus.com.br
(11) 3789-4000 • FAX: 3789-4011
Rua Francisco Cruz, 229
Depto. Financeiro • CEP 04117-091 • São Paulo/SP
Redação © PAULUS – São Paulo (Brasil) • ISSN 0507-7184
vidapastoral@paulus.com.br
paulus.com.br / paulinos.org.br
vidapastoral.com.br

Vida Pastoral – Assinaturas

A revista *Vida Pastoral* é distribuída gratuitamente pela Paulus.
A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas
postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livreria
Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser
efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante
(nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contri-
buição espontânea para a manutenção da revista. Para os que
já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acres-
centar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel.: (11) 3789-4000

Fax: (11) 3789-4004

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de compro-
vante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista *Vida Pastoral* – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 0646-7, conta 5555-7

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

Livrarias Paulus

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 –
Campina – (91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRÁSILIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco I – Edifício
Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguara, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Praça Dom Adauto, S/N
Junto à Cúria – Centro
(83) 3221-5108
joao Pessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111-B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br



APARECIDA: casa da mãe de Deus e do povo brasileiro

Pe. José Oscar Beozzo*

Celebram-se logo mais os trezentos anos do encontro, por três pescadores – Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso –, na segunda quinzena de outubro de 1717, de uma pequena imagem em terracota da Virgem Maria. Media apenas 39 centímetros de altura e estava enegrecida pelo lodo das águas do Rio Paraíba do Sul, de onde fora retirada. Ganhou o nome de “Aparecida”.

Introdução

O local do encontro da pequena imagem de Aparecida em 17 de outubro de 1717 pelos pescadores Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso foi o Porto de Itaguaçu,¹ que pertencia à Vila de Guaratinguetá, no Vale do Paraíba, a meio caminho entre a Vila de São Paulo e a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Por ali passava também a trilha de bandeirantes e tropeiros em demanda aos arraiais do ouro recém-descoberto, nos inícios do século XVIII, nas montanhas e rios de Minas Gerais.

Os três pescadores haviam saído em busca de peixe, para a festa que a Câmara da Vila de Guaratinguetá queria oferecer ao conde de Assumar, recém-nomeado governador da Ca-

*José Oscar Beozzo, vigário da Paróquia São Benedito na Diocese de Lins (SP), membro do Centro de Estudos de História da Igreja na América Latina e coordenador-geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular do CESEP. E-mail: jbeozzo@terra.com.br

1 Texto escrito originalmente para a Revista Internacional de Teologia *Concilium*. Revisito e ampliado para a *Vida Pastoral*.

1 Palavra da língua tupi que significa pedra (*ita*) grande (*guaçu*).



pitania de São Vicente. Estava de passagem pela vila na sua jornada para as Gerais.

“Tentamos a noite inteira e nada pescamos...” (Lc 5,5)

Fora de temporada, eles e outros pescadores nada conseguiram. Depois de uma noite toda de vã labuta, invocaram a Virgem. Em vez de peixe, a rede trouxe o corpo de uma imagem da Virgem da Conceição. Num segundo intento, nada de peixe, mas, embaraçada na rede, encontraram a cabeça da santa. Logo em seguida, ao tentarem a sorte novamente, vieram tantos peixes que a rede quase se rompia. A pesca abundante e inesperada foi por eles considerada uma graça da Virgem.

Durante os quinze anos seguintes, a imagem reparada permaneceu na humilde casa de Filipe Pedroso, onde as pessoas da vizinhança se reuniam à noite para orar. Com o aumento dos devotos, a família ergueu um oratório no Porto de Itaguaçu, que logo se revelou pequeno perante o fluxo de fiéis. Isto levou o vigário, contra a vontade da família, a iniciar a construção de uma capela no alto do morro dos Coqueiros, aberta aos fiéis em 1745, para onde foi transferida a imagem.

Uma pergunta surge espontânea: O que levou essa devoção surgida da fé de homens simples do povo, rudes pescadores de um lugarejo perdido, a converter-se no maior santuário mariano do mundo? Com cerca de 13 milhões de peregrinos a cada ano, coloca-se no mesmo nível dos mais visitados da cristandade: Guadalupe, no México; Lourdes, na França; Fátima, em Portugal; Jasna Góra, em Czystochowa, na Polônia.

1. O Brasil escravocrata e a Virgem Negra de Aparecida

A esse relato fundador sobre os pescadores juntam-se muitos outros, mas em especial

o do escravo fugido, capturado e levado algemado de volta à fazenda do seu senhor.

Corria o ano de 1850, época em que o Vale do Paraíba, com suas fazendas de café, havia roubado dos engenhos de açúcar da Bahia e de Pernambuco, e das minas de ouro e diamantes de Minas Gerais, a primazia econô-

mica do país. A riqueza brotava dos milhões de pés de café que passaram a cobrir as encostas dos morros do Vale do Paraíba fluminense e paulista, fazendo surgir ao seu redor povoados e cidades. Os novos ricos eram enobrecidos pelo imperador, que lhes vendia os títulos de barões e marqueses. Dezenas de milhares de escravos, sob o olhar omisso, quando não conivente, das autoridades foram trazidos às pressas da África para suprir a falta crescente de mão de obra. Desafiava-se abertamente a

lei de 1831, que tornara ilegal o tráfico negreiro entre as costas da África e do Brasil, mas por cujas malhas frouxas passaram mais de meio milhão de escravos ao arripio da lei. Com o bloqueio dos portos brasileiros pela armada britânica e com o apresamento dos barcos negreiros, nova lei de 1850, a Lei Euzébio de Queiroz, baniou definitivamente o tráfico transatlântico. Foi logo substituído pelo tráfico interprovincial. Passaram a fluir, por terra e por mar, da decadente economia dos engenhos de açúcar do Nordeste e das esgotadas minas de ouro das Gerais, levadas e levadas de escravos vendidos ao regime mais duro e exigente do café nas florescentes fazendas do sul de Minas, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Quando o escravo fugido, mas recapturado e algemado, pede para orar durante um momento diante da capelinha e da imagem da Virgem Aparecida e caem as algemas dos seus braços, passou a Virgem a ser associada à denúncia da miserável sorte dos escravos e à compaixão para com eles, que representa-

“A Virgem não se colocou ao lado do capitão do mato que arrastava o escravo agrilhoado nem dos fazendeiros escravocratas do Vale do Paraíba, mas do pobre negro capturado”



vam ainda mais da metade da população brasileira, naquele ano de 1850.

2. Nazaré e Aparecida, virgens libertadoras de indígenas e negros

Das centenas de invocações de Nossa Senhora pelo país afora, duas estão intimamente associadas a relatos libertadores. No norte do país, afluem de toda a região amazônica cerca de dois milhões e meio de romeiros para a procissão do Círio de Nossa Senhora de Nazaré em Belém do Pará, no segundo domingo de outubro. Na lenda popular, a pequena imagem de madeira enegrecida encontrada na orla da floresta pelo caboclo Plácido, mestiço de índia com português, foi levada pelo governador para a capela do palácio. A imagem teimava, porém, em retornar à beira da mata para a pequena ermida ali erguida pelo descendente de indígenas. Aos olhos do povo, entre o lugar dos poderosos e o da população indígena e mestiça, secularmente explorada e dizimada na bacia amazônica, a Virgem ficava com os pequenos, e não com os poderosos.

Leitura semelhante ocorre em Aparecida. No quadro da profunda desigualdade da sociedade escravista do Brasil, a Virgem não se colocou ao lado do capitão do mato que arrastava o escravo agrilhado nem dos fazendeiros escravocratas do Vale do Paraíba, mas do pobre negro capturado. Fez cair dos seus braços os instrumentos pesados do seu cativo e restituiu-lhe a liberdade.

Tanto em Belém como em Aparecida, há uma persistente tensão entre a apropriação popular do símbolo sagrado, por um lado, e a eclesiástica ou estatal, por outro. Há evidente mal-estar entre o povo quando, no dia da festa, figuras políticas, sejam elas governadores ou prefeitos, são convidadas a fazer uma das leituras da missa. Por outro lado, lavradores, operários, povo simples do campo ou da periferia da cidade, em particular as mulheres, fazem do santuário sua própria casa, a casa da Mãe Aparecida.

Maria

Tão plena de Deus e tão nossa

Kathleen Coyle



A história não tem registro de Maria de Nazaré, exceto pelos documentos de fé, e o relato a seu respeito nesses documentos é breve. Como essa lacuna coexiste com o crescimento do culto a Maria no decorrer dos séculos? Para descobrir, a autora Kathleen Coyle resolveu pesquisar a fundo a história dessa mulher, cujo culto acalenta milhões de cristãos.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





3. Mulheres nas lides da vida e na busca por igualdade e dignidade

Em todo o universo mariano, o sagrado é lido em chave feminina, com sua gramática própria, numa clara denúncia de uma tradição excludente e machista em relação às mulheres. O cântico de Maria no *Magnificat* ganha todo o seu significado quando mulheres sobem de joelhos a ladeira da Basílica Velha e param por um momento diante da imagem na Basílica nova, agradecendo pelas graças ou apresentando seus pedidos: *“Minha alma engrandece o Senhor... porque olhou para a humildade de sua serva... Derrubou os poderosos dos seus tronos e exaltou os humildes. Encheu de bens os famintos e aos ricos despediu de mãos vazias”* (Lc 1,46-53).

Por todo o período colonial até 1822 e mesmo durante o imperial, entre 1822 e 1889, Aparecida permaneceu uma devoção pouco mais que local, com limitada irradiação. Não se pode compará-la às prestigiosas Nossas Senhoras da Penha, em Vitória (ES), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), à Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre (RS), ou do Desterro, em Florianópolis (SC); nem à Nossa Senhora do Morro da Conceição, no Recife (PE), ou à da Conceição da Praia, em Salvador (BA); ou ainda à Virgem da Purificação da Praia Vermelha, em Salvador e em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Em Minas Gerais, venera-se por toda parte a Nossa Senhora da Serra da Piedade do beato Lourenço, hoje padroeira do estado.

4. Deslocamento do eixo econômico, político e religioso do Brasil: do Nordeste para o Sudeste

Lentamente, porém, o eixo econômico e populacional do país deslocou-se do Nordeste açucareiro, hegemônico nos séculos XVI e XVII, para a corrida do ouro em Minas Gerais,

Goiás e Mato Grosso durante o século XVIII, e fixou-se finalmente nas fazendas de café, primeiro no Vale do Paraíba fluminense e paulista e depois no oeste do estado de São Paulo.

Aparecida vai encontrar-se na convergência de um triângulo, a meio caminho entre São Paulo e Rio de Janeiro na sua base e com o vértice voltado para Minas Gerais. Nesses três

“Por decreto papal de 16 de julho de 1930, trocava-se a Virgem ligada à monarquia por uma virgem negra, que evocava a chaga do passado escravista e a longa luta pela abolição”

estados do Sudeste, concentra-se hoje cerca de 40% da população do país. Aparecida entrou no traçado da estrada de ferro Dom Pedro II, que começou a ser construída em 1855, com o intuito de ligar a Província do Rio de Janeiro à de São Paulo, com um ramal para Minas Gerais. Em 1877 Aparecida já estava ligada, por estrada de ferro, ao coração da rede que depois se chamou Central do Brasil. Na década de 1920, passou por Aparecida a ligação rodoviária entre

Rio e São Paulo e, depois da Segunda Guerra Mundial, a rodovia Presidente Dutra, a mais importante do país devido ao contínuo fluxo de pessoas e mercadorias. Isto facilitou sobremaneira o afluxo de romeiros ao santuário, levando à decisão de construir uma nova basílica, a partir de 1955. A obra foi encomendada ao arquiteto Benedito Calixto, que idealizou um edifício em forma de cruz grega, capaz de abrigar 45 mil pessoas, com 173 metros de comprimento por 168 metros de largura; as naves laterais medem 40 metros e a cúpula tem 70 metros de altura.

5. Da padroeira herdada da monarquia para a Virgem do povo

Crucial para a consolidação de Aparecida como referência nacional foi a decisão do cardeal dom Sebastião Leme, do Rio de Janeiro, de solicitar ao papa Pio XI que Aparecida fosse declarada padroeira do Brasil.

Até então, os padroeiros do país eram São Pedro de Alcântara, por conta do nome do



primeiro imperador, Pedro I (1822-1831), e Nossa Senhora da Glória, cuja Igreja no Outeiro da Glória tornou-se capela imperial e em cuja irmandade se inscreviam os membros da família real.

Por decreto papal de 16 de julho de 1930, trocava-se a Virgem ligada à monarquia por uma virgem negra, que evocava a chaga do passado escravista e a longa luta pela abolição e estava ligada às camadas mais humildes da população. Sua “apresentação” ao povo brasileiro aconteceu no tumultuado contexto sociopolítico que viveu o país, com a revolução de outubro de 1930 que derrubou a República Velha e com a instável situação do governo provisório do presidente Getúlio Vargas. A imagem da Aparecida atravessou de trem, na noite e na madrugada de 31 de maio de 1931, os mais de duzentos quilômetros que a separavam do Rio de Janeiro, com as estações ferroviárias apinhadas de devotos que esperavam a passagem da imagem e sua bênção. À sua chegada à capital da República, protagonizou procissão de mais de meio milhão de pessoas, a maior concentração popular da história da cidade até então. Aconteceu naquele momento sua consagração como nova padroeira do Brasil. Somava-se ao decreto papal a unção popular na capital do país. O evento realizado perante todos os ministros e o chefe do governo provisório foi fundamental na posterior reformulação e superação, pela Constituinte de 1934, dos laivos laicistas da Constituição republicana de 1891.

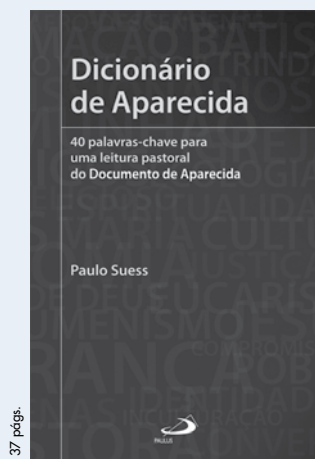
6. Os missionários redentoristas em Aparecida

Fundamental na consolidação de Aparecida como polo espiritual são os mais de 100 anos de presença constante dos missionários redentoristas no cuidado do santuário e no atendimento aos romeiros.

Foram trazidos da Alemanha pelo bispo de São Paulo, dom Lino Deodato, em 1894. Logo começaram a editar o “Jornal Santuário” com

Dicionário de Aparecida 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida

Paulo Suess



As palavras do Documento de Aparecida podem ser comparadas a uma sacola de pérolas — umas preciosas, outras de vidro — perpassadas por um cordão, como um rosário com seus mistérios gloriosos, gozosos e dolorosos. Este *Dicionário de Aparecida* representa o cordão que junta e ordena as pérolas em torno de 40 palavras-chave atravessadas pelos mistérios de glória, alegria e dor dos pobres, que são a imagem de Jesus crucificado.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





gráfica própria e o “Manual do Devoto de Nossa Senhora Aparecida”, com mais de 70 edições e meio milhão de exemplares, que espalharam a devoção país afora. Em 1951 foi criada a Rádio Aparecida, hoje potente emissora cujas ondas cobrem todo o território nacional. A partir de 2005, o santuário passou a contar com sua emissora televisiva, a TV Aparecida. O jornal – mas sobretudo a rádio, identificada por muitos anos com a voz do Pe. Vitor Coelho de Almeida – levou a mensagem de Aparecida aos últimos rincões do país, atraindo mais e mais romeiros ao santuário, alvo de ininterruptas romarias de associações, paróquias, dioceses, movimentos religiosos e sociais.

7. Roma e Aparecida

De Roma, veio crescendo a atenção ao santuário. Pio X concedeu-lhe o título de Basílica menor em 29 de abril de 1908. Pio XI declarou N. S. Aparecida padroeira principal do Brasil em 1930. Em 1967, ao completarem-se 250 anos da devoção, o papa Paulo VI ofereceu ao santuário a “Rosa de Ouro”. João Paulo II, em sua primeira viagem ao Brasil, consagrou a Basílica no dia 4 de julho de 1980. Pouco antes da visita papal, o Parlamento brasileiro aprovou a Lei nº 6.802, de 30 de junho de 1980, que reconhece Nossa Senhora Aparecida como padroeira do Brasil e decreta como feriado nacional o dia de sua festa, 12 de outubro.

8. Aparecida e a pátria grande latino-americana

O que colocou Aparecida na grande corrente da Igreja latino-americana e mesmo universal foi a decisão de Bento XVI de convocar para ali a V Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano, de 13 a 31 de maio de 2007.

As anteriores conferências-gerais do episcopado latino-americano aconteceram no

quadro de eventos massivos: a primeira delas ao final do XXXIV Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro, em 1955, de 25 de julho a 4 de agosto. Aconteceu, porém, nas dependências fechadas do Colégio Sacré Coeur, na então capital federal. A segunda, em 1968, foi aberta por Paulo VI em Bogotá, na

Colômbia, ao término do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional, no dia 24 de agosto, mas foi transferida no dia seguinte para Medellín, onde os bispos ficaram reclusos até o dia 6 de setembro no seminário arquidiocesano daquela cidade. Segundo o testemunho de dom Helder Camara, os bispos ficaram isolados do povo no alto de um morro, de

onde se podia de noite apenas vislumbrar ao longe as luzes da cidade esparramada pelo vale. João Paulo II, por sua vez, abriu a III Conferência no Seminário Palafoxiano de Puebla de los Angeles, no México, onde os bispos estiveram reunidos no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. Em Santo Domingo, na República Dominicana, de 12 a 28 de outubro de 1992, a IV Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano desenrolou-se também em ambiente inteiramente apartado do povo.

Em Aparecida, ao invés, diariamente, em todas as suas orações, os bispos estiveram reunidos e celebrando com milhares de romeiros, no recinto mesmo da Basílica.

Este entrelaçamento cotidiano com o vai e vem dos romeiros onde pulsava a força da fé popular teve profundo impacto sobre os trabalhos e os rumos da conferência, que tinha continuamente diante dos olhos o povo ao qual ela estava se dirigindo.

Os bispos tocaram com as mãos, os olhos e os ouvidos, de modo bem visível e concreto, a experiência da fé e piedade do povo dos pobres, batendo à porta do santuário e entrevendo ali uma presença materna e acolhedora, miseri-

“Os bispos tocaram com as mãos, os olhos e os ouvidos, de modo bem visível e concreto, a experiência da fé e piedade do povo dos pobres”



cordiosa e esperançadora do Deus dos pequenos e humilhados. Reconheceram então, com humildade, no documento final, que aquele povo dos romeiros os tocara e os evangelizara:

“Sentimo-nos acompanhados pela oração de nosso povo católico, representado visivelmente pela companhia do Pastor e dos fiéis da Igreja de Deus em Aparecida, e pela multidão de peregrinos de todo o Brasil e de outros países da América ao santuário, que nos edificaram e evangelizaram” (DAP 3).

Aparecida transformou-se, finalmente, em referência mística e espiritual para a missão. Assim como das praias do lago da Galileia, em que Jesus chamou os primeiros discípulos e de onde os enviou como discípulos/missionários para serem pescadores de homens, assim também da conferência e mais precisamente de Aparecida partiu o convite para lançar as redes para a missão continental e mundial:

“**Agora, desde Aparecida, convida-os a lançar as redes ao mundo**, para tirar do anonimato aqueles que estão submersos no esquecimento e aproximá-los da luz da fé. Ela, reunindo os filhos, integra nossos povos ao redor de Jesus Cristo” (DAP 265).

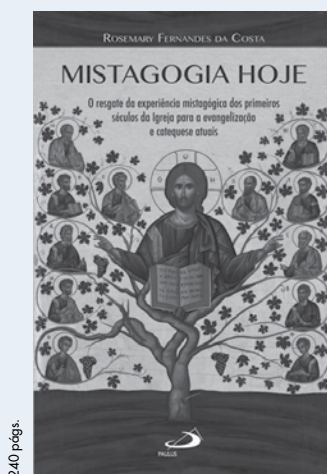
9. O papa Francisco e Aparecida

O cardeal Jorge Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires e presidente da Conferência Episcopal Argentina, coordenou a comissão de redação do *Documento de Aparecida*. Envolveu-se diretamente com as CEBs, a Pastoral da Juventude e as pastorais sociais que montaram durante a Conferência de Aparecida a Tenda dos Mártires, aberta durante vinte e quatro horas ao longo da conferência. Pedi para concelebrar – junto com dom José Luiz Bertagna, bispo de Registro (SP) e responsável pelas CEBs, dom Julio Cabrera Ovalle, bispo do Quiché na Guatemala, e dom Demétrio Valentini, bispo de Jales –, na madrugada do domingo, dia 21 de maio, a missa de encerramento da Romaria noturna de Roseira a Aparecida, promovida pelo Fó-

Mistagogia hoje

O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e catequese atuais

Rosemary Fernandes da Costa



A mistagogia é a pedagogia do Mistério, uma experiência que respeita e facilita a relação de diálogo e aprofundamento entre a dinâmica interna da Revelação e a dinâmica existencial daquele que crê. O objetivo do livro é ajudar nesse processo de retomada da experiência mistagógica como fonte e referencial para a dinâmica da catequese e da evangelização atuais.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





rum de Participação da V Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano. Uma vez eleito papa, a 13 de março de 2013, fez do *Documento de Aparecida* uma espécie de roteiro e inspiração para o seu pontificado. Em sua primeira viagem internacional, de 22 a 28 de julho de 2013, para a XXVIII Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, insistiu, fora do roteiro já decidido, que fosse precedida por uma peregrinação sua ao santuário de Aparecida.

Ali declarou o papa Francisco na sua saudação:

Quanta alegria me dá vir à casa da Mãe de cada brasileiro, o santuário de Nossa Senhora Aparecida. No dia seguinte à minha eleição como bispo de Roma fui visitar a Basílica de Santa Maria Maior, para confiar a Nossa Senhora o meu ministério. Hoje eu quis vir aqui para suplicar a Maria, nossa Mãe, o bom êxito da Jornada Mundial da Juventude e colocar aos seus pés a vida do povo latino-americano.

Queria dizer-lhes, primeiramente, uma coisa. Neste santuário, seis anos atrás, quando aqui se realizou a V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, pude dar-me conta pessoalmente de um fato belíssimo: ver como os bispos – que trabalharam sobre o tema do encontro com Cristo,

“Eleito papa, a 13 de março de 2013, o papa Francisco fez do Documento de Aparecida uma espécie de roteiro e inspiração para o seu pontificado”

disciplinado e missão – eram animados, acompanhados e, em certo sentido, inspirados pelos milhares de peregrinos que vinham diariamente confiar a sua vida a Nossa Senhora: aquela conferência foi um grande momento da vida da Igreja. E, de fato, pode-se dizer que o *Documento de Aparecida* nasceu justamente deste encontro entre os trabalhos dos pastores e a fé simples dos romeiros, sob a proteção maternal de Maria. A Igreja, quando busca Cristo, bate sempre à casa da Mãe e pede: “Mostrei-nos Jesus”. É de Maria que se aprende o verdadeiro discipulado. E, por isso, a Igreja sai em missão sempre na esteira de Maria.

Assim, de cara à Jornada Mundial da Juventude que me trouxe até o Brasil, também eu venho hoje bater à porta da casa de Maria, que amou e educou Jesus, para que ajude a todos nós, os pastores do povo de Deus, os pais e os educadores, a transmitir aos nossos jovens os valores que farão deles construtores de um país e de um mundo mais justo, solidário e fraterno. Para tal, gostaria de chamar a atenção para três simples posturas, três simples posturas: conservar a esperança; deixar-se surpreender por Deus; viver na alegria (papa Francisco, homilia na Basílica de Aparecida, 24-7-2013). ●

NUNCA PARE DE SONHAR

O presbítero que ama Jesus e sua Igreja
Jésus Benedito dos Santos

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



256 págs.



Imagens meramente ilustrativas.



Nossa Senhora Aparecida e o nacionalismo

José Cordeiro*

A consagração da imagem como padroeira do Brasil recuperou o protagonismo da Igreja diante do governo e da população católica e estabeleceu um projeto comum: a integração do país.

Introdução

Nas gravuras da milagrosa Virgem de Aparecida estão as formas mais populares da iconografia da imagem e de sua influência sobre os fiéis católicos. Nossa Senhora Aparecida já foi representada sobre nuvens e com as mais variadas configurações de anjos; sobre os pescadores no rio Paraíba; sobre a Matriz Basílica; sobre o globo terrestre e em combinações sobre bandeiras, brasões dos estados e do Brasil.

As tradicionais impressões e quadros revelam ações da Virgem Maria diante das aflições do povo, como provedora de saúde e justiça. E, nos períodos mais conturbados da história brasileira, o apelo popular por paz e união no país.

É a partir de um conjunto de reproduções temáticas da imagem, com divulgação iniciada na década de 1930, que reconhecemos a importância de Nossa Senhora Aparecida na conciliação da política nacional em períodos marcados por levantes militares, golpes de Estado, ditaduras, guerras mundiais e o temor de ações ideológicas, anticlericais e de controle da Igreja, a exemplo de episódios ocorridos na União Soviética, no México e na Espanha.

José Cordeiro é jornalista e escritor. É pesquisador da iconografia da imagem de Nossa Senhora Aparecida e do Santuário Nacional. Autor de *Aparecida: devoção mariana e a imagem padroeira do Brasil*. São Paulo: Cultor de Livros, 2013. E-mail: josecordeiro@devocaomariana.com.br



Desde a proclamação da República, em 1889, a Igreja brasileira tentava reorganizar-se e, diante da escassez de sacerdotes, superar as dificuldades impostas pela monarquia e pelo padroado régio, que manteve décadas de controle sobre as ordens, sobre a formação de seminaristas e, em meados do século XIX, impediu a entrada de religiosos brasileiros que professassem no exterior.

Nos primeiros anos do regime republicano, coube ao clero lidar com profundas alterações estruturais do país, como a entrada de milhares de estrangeiros em lavouras e cidades, a degradação da saúde pública e a multiplicação dos problemas sociais decorrentes da marginalização da população mais pobre e da exploração do incipiente trabalho operário.

Recuperava a Igreja o protagonismo diante do governo e da população católica; nas décadas de 1910 e 1930, passaram pelos sacerdotes e associações de leigos iniciativas sociais de combate à epidemia de gripe espanhola e a pacificação regional diante de levantes militares.

Em 1918, no município de São Paulo, voluntários e entidades religiosas atenderam 85.492 pessoas e hospitalizaram 1.700 enfermos. Foi às igrejas que, no Levante Tenentista de 1924, os paulistanos acorreram em busca de alimentos e segurança diante do cerco promovido pelas forças legalistas aos rebeldes.

O bombardeio contínuo da artilharia federal sobre o movimento revoltoso provocou mortes, destruição na cidade e estragos na matriz do Cambuci, nas igrejas de Santa Ifigênia, de Santo Antônio do Pari, de São José do Belém, de São Januário da Mooca, de Santo Agostinho e de Santa Generosa.

Numa carta pastoral sobre o momento político, dom Duarte Leopoldo e Silva, arcebispo de São Paulo, conclamou o apaziguamento e a tranquilidade social, determinando: “na Basíli-

ca de Nossa Aparecida será rezada, todos os sábados, enquanto não mandarmos o contrário, uma Missa em louvor de Nossa Senhora pela pacificação do Brasil e uma expiação dos nossos pecados políticos e sociais”.

1. Unidade nacional

Era em torno da nação que os organizadores do II Congresso Mariano, realizado em setembro de 1929, sugeriam a proclamação de Nossa Senhora Aparecida para o padroado, com o lema “União indissolúvel entre Religião e Pátria. Nossa Senhora Aparecida e Brasil – Unidade Nacional”.

Marco do jubileu de 25 anos de coroação da imagem de Aparecida, o congresso foi convocado para exaltar os “conhecimentos de Maria santíssima” e tornar Nossa Senhora Aparecida a padroeira principal do país. A consagração como padroeira significava o reconhecimento e a adesão das forças políticas ao papel reservado pela Igreja às tradições familiares, bem como a um projeto comum, a integração do país.

Bispos e arcebispos presentes ao Congresso Mariano assinaram uma solicitação que foi encaminhada a Roma. O documento oficial, encabeçado pelo arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme, reivindicava a concessão do título de padroeira do Brasil a Nossa Senhora Aparecida. O padroado representaria a aspiração popular de devotos de diversos lugares do país.

Sobre a escolha da imagem de Nossa Senhora Aparecida pendia a necessidade da unidade católica nacional, ampliada pelo caráter mariano do santuário de Aparecida, pela origem popular da santa, surgida nas mãos de pescadores, e, finalmente, pela cor negra da imagem, que simbolizaria as camadas populares mais discriminadas.

Em 1º de setembro de 1930, a Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro comunicava ao ar-

**“As tradicionais
impressões e quadros
revelam ações da
Virgem Maria diante
das aflições do povo,
como provedora de
saúde e justiça”**

cebispo de São Paulo, dom Duarte, a esperada concessão dada pelo papa Pio XI. O decreto fora assinado em 16 de julho de 1930 pelo então secretário de Estado, o cardeal Eugênio Pacelli, mais tarde eleito papa com o nome de Pio XII.

Além da estagnação gerada na economia brasileira pela queda nas exportações decorrentes da crise de 1929, no plano político, o país ressentia-se da controversa sucessão eleitoral à presidência da República que, em 1930, consolidou no grupo derrotado a ideia de um golpe militar para depor o presidente Washington Luís e impedir a posse de Júlio Prestes. O candidato Getúlio Vargas liderou a articulação política e o movimento armado que culminou, no fim de outubro, com a criação da junta provisória, que lhe confiou o poder.

2. A imagem na esplanada do castelo

Com o equilíbrio da situação política no país, o cardeal Leme submeteu a dom Duarte a ideia de uma grande cerimônia que iria consagrar, em 1931, a imagem de Nossa Senhora Aparecida na capital federal. Para o cardeal, “além de todos os motivos de fé e gratidão, o patriotismo exige de nós, ao menos aqui no Rio, uma grande afirmação de fé”. Dom Sebastião Leme referia-se também ao momento “trágico” que o país atravessava e à existência do movimento comunista.

Era apresentado um extenso programa de atividades no Rio de Janeiro, uma quinzena de festas em louvor a Nossa Senhora Aparecida, “sendo oito dias, de 17 a 24, de festas paroquiais e oito, de 24 de maio a 31 de maio, de festas diocesanas. No dia 31 de maio, haverá uma procissão triunfal”, descrevia a programação oficial.

A imagem seguiu de Aparecida para o Rio de Janeiro pelas mãos do arcebispo de São Paulo, dom Duarte. Num trem especial, um carro foi transformado em capela para a santa. O embarque aconteceu na noite do sábado, 30 de maio, depois da realização do ofício de Nossa Senhora Aparecida.

CD Nossa Senhora da Conceição Aparecida e Cantar a Liturgia

PAULUS Música



Este CD traz canções especiais para a celebração da missa de Nossa Senhora e também permite ao fiel cantar as partes fixas da missa, valorizando ainda mais a oração eucarística. As melodias inclusas nada mais são do que uma forte e bela homenagem à Virgem Santíssima, fonte de fé e devoção para milhões de fiéis de todo o nosso país e proclamada padroeira do Brasil pelo papa Pio XI, em 1930. A data de 12 de outubro foi decretada oficialmente como o dia dedicado à sua devoção.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





O povo compareceu às cerimônias no Rio de Janeiro. Na manhã do dia 31, o cardeal Leme, representantes do clero e numerosos fiéis receberam a imagem na estação D. Pedro II e a levaram em carreta até a igreja de São Francisco de Paula, para missa campal. Em seguida, o cortejo prosseguiu para a catedral Metropolitana. Organizava-se ali, com saída às 14 horas, uma procissão com crianças, integrantes das ligas católicas, as Filhas de Maria e as congregações marianas, entre outras associações. Ao centro, a imagem de Nossa Senhora Aparecida no carro-andor e a Guarda de Honra. A hierarquia católica, além de religiosos, personalidades públicas e militares, fechava as fileiras.

Na esplanada do castelo, o chefe do governo provisório, Getúlio Vargas, chegou pouco depois do início da tarde. Vargas foi recebido pelo ministro Osvaldo Aranha e pelo núncio apostólico, dom Aloísio Masella, e permaneceu num tablado especial, junto ao corpo diplomático, aos políticos e aos demais representantes da sociedade. Com a aproximação do cortejo, Vargas foi convidado para o centro da celebração.

Pelas mãos de dom Duarte, a imagem foi conduzida ao altar e beijada por dom Sebastião Leme. Getúlio Vargas aproximou-se e repetiu o gesto, beijando os pés de Nossa Senhora Aparecida. O cardeal Leme proferiu a consagração solene e depois o discurso, em que exaltava o caráter simbólico da cerimônia, embora o conteúdo fosse entremeado pelo nacionalismo: “Virgem da Conceição Aparecida, salvai o nosso Brasil, guardai as nossas famílias, livrai-nos dos tremendos abismos que satã quer abrir aos nossos pés”.

A partir da proclamação do padroado, foram acrescentados e difundidos, para os fiéis, novos elementos na iconografia da imagem. E a estampa tradicional com Nossa Senhora

Aparecida passou a ser reproduzida sobre a baía de Guanabara e vistas das cerimônias no Rio de Janeiro, ressaltando a presença mariana sobre o país.

A despeito do engajamento popular numa solução pacífica para a retomada das eleições presidenciais, crescia o descontentamento com os plenos poderes de Getúlio Vargas, cujas medidas autoritárias dificultavam a vida, a política e a autonomia locais. Para os paulistas, criava-se assim o ambiente de rebelião pró-constituição.

Em 9 de julho de 1932, o movimento constitucionalista ganhou o apoio da força pública, dos militares aquartelados e de 10 mil voluntários, alistados na capital e no interior. A Cúria metropolitana organizou o serviço de capelanía para as tropas e o voluntariado nos serviços de emergência. Os religiosos e leigos de Aparecida atuaram na organização constitucionalista, uma vez que o município era um ponto importante na frente norte dos combatentes, recebendo os trens com as tropas que iam defender as posições na divisa do estado.

A cidade formou o batalhão Padroeira do Brasil, que seguiu, no dia 18 de agosto, com 53 voluntários, para São Paulo. A corporação tinha como símbolo uma bandeira do Brasil, ornamentada na esfera azul com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, que, por sua vez, trazia um manto branco.

A imagem padroeira foi homenageada pelos combatentes paulistas em 4 de setembro. O Estado-Maior do exército constitucionalista resolveu homenagear a “gloriosa padroeira do Brasil”, nomeando como “Linha Nossa Senhora Aparecida” toda a frente de combate no Vale do Paraíba.

Em relação às tropas de Vargas, os constitucionalistas enfrentavam graves limitações, como a falta de soldados experientes e a reposição de armamentos. Ainda que os

“Dom Sebastião Leme referia-se também ao momento “trágico” que o país atravessava e à existência do movimento comunista”

constitucionalistas contassem com expressivo número de voluntários, as forças federais possuíam, no fim do conflito, efetivo de 100 mil homens, contra aproximadamente 40 mil do outro lado.

Pouco a pouco, caíam as linhas de cobertura e as tropas paulistas retraíam-se para outros pontos da retaguarda, até que, em 19 de setembro, o quartel-general constitucionalista passou a funcionar próximo à estação ferroviária de Aparecida. Diferentemente das evoluções festivas para a padroeira do Brasil, realizadas na capital federal no ano anterior, os aviões militares voltariam a sobrevoar os fiéis de Nossa Senhora Aparecida, desferindo ataques aéreos à cidade, em 26 e 28 de setembro. O armistício seria celebrado em 2 de outubro de 1932. O conflito durou três meses e deixou mais de 600 mortos e aproximadamente 15 mil feridos.

3. Manifestações sociais

Além da cristianização da legislação – como a educação religiosa no período escolar, a proibição do divórcio e o reconhecimento do casamento religioso –, a grande preocupação de parte do clero brasileiro nos anos 1930 foi o combate ao comunismo, sobretudo pelos exemplos de perseguições à Igreja Católica em vários países europeus.

Não que o tema fosse algo novo, pois já era tratado, desde 1891, com a publicação da Carta Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII sobre a condição dos operários, os direitos, os deveres, o capital, o trabalho e a forma violenta empregada na solução desses conflitos. Em 1931, o papa Pio XI, na Carta Encíclica *Quadragesimo Anno*, denunciaria também o socialismo e, em 1937, o autoritarismo nas cartas *Mit Brennender Sorge* e *Divini Redemptoris*.

A fonte local de preocupações, o Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em 1922, oscilava entre a ilegalidade e o amparo da legislação. Em novembro de 1935, mi-

Por uma paróquia missionária à luz de Aparecida

Gelson Luiz Mikuszka



A paróquia é célula viva da Igreja e lugar onde a maioria dos fiéis faz sua experiência eclesial com Cristo. Para que o papel evangelizador dessa grande e histórica instituição alcance cada vez mais êxito, foram reavivados, neste livro, alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida, que desafiou a Igreja na América Latina a fazer de cada comunidade eclesial "um poderoso centro irradiador da vida".

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





litares aliados da causa comunista deflagrariam um movimento armado nos quartéis do Rio Grande do Norte, de Pernambuco e do Rio de Janeiro. O levante seria rapidamente sufocado pelas forças leais ao governo. O líder comunista Luís Carlos Prestes foi preso em 1936.

Sob o impacto da situação política e das manifestações sociais, a capital federal foi sede da Concentração Nacional das Congregações Marianas, entre 1º e 3 de maio de 1937. Uma réplica da imagem padroeira foi levada de Aparecida para o evento.

Uma missa campal foi celebrada pelo núncio apostólico no espaço denominado Feira de Amostras. Os congregados marianos desfilaram pela avenida Rio Branco até o largo São Francisco de Paula, em uma demonstração pública que pedia a paz e a proteção da imagem de Nossa Senhora Aparecida.

4. As representações da padroeira do Brasil

É do século XIX, exatamente de 1854, a primeira estampa produzida com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Foi impressa a pedido de dom Antônio Joaquim de Melo, bispo de São Paulo, em comemoração à publicação, pelo Vaticano, do dogma da Imaculada Conceição.

Aparece em duas versões, uma em preto e branco e a outra colorida, esta impressa em Paris. Curiosamente, essas estampas apresentam o padrão europeu da imagem de Nossa da Conceição, com rosto e mãos brancas.

Com o avanço dos meios gráficos para reprodução de fotografias, surgem os quadros conhecidos como “verdadeiro retrato de Nossa Senhora Aparecida”, nos quais era possível verificar a tonalidade enegrecida e formas da escultura sacra. Geralmente, a re-

presentação incluía elementos dos principais milagres e vistas do santuário.

Anos depois, uma fotografia com detalhes mais apurados seria utilizada nas publicações da Igreja e em muitas impressões encontradas no comércio. É possível acompanhar, na revista editada pelo santuário de Aparecida, um processo de adaptação da imagem padroeira em novos cenários, de acordo com as preocupações sociais que envolviam o país.

Lançado em 1927, o *Almanak de N. Senhora Aparecida* (com título atualizado para *Almanaque da Basílica Nacional de N. Senhora Aparecida*, em 1934; para *Ecos Marianos da Basílica Nacional de N. Senhora Aparecida*, em 1936) apresentou, na capa inaugural, a imagem de Nossa Senhora sobre a basílica e parte do centro urbano do ainda distrito de Guaratinguetá.

O padrão de composição – a imagem santa sobre a igreja, sobre o rio Paraíba do Sul ou sobre o globo terrestre – passou a receber os elementos patrióticos, como os brasões dos estados. Juntava-se o manto, que é o sinal da consagração religiosa à unidade cívica. Na década de 1950, surgem os símbolos nacionais como a bandeira, o brasão do estado de São Paulo ou a bandeira do Brasil e a bandeira do Vaticano, mesclados aos históricos bordados.

5. A Igreja e Getúlio Vargas

Com apoio militar, alegando que a sucessão presidencial tendia a resolver-se com violência e na contingência de uma guerra civil, Getúlio Vargas dissolveu o Congresso e manteve-se no poder com um golpe de Estado. Tinha o apoio dos governadores, que se tornaram interventores estaduais. Prorrogou seu mandato por seis anos, de acordo com uma nova Constituição que ele próprio outorgara.

“A grande preocupação de parte do clero brasileiro nos anos 1930 foi o combate ao comunismo, sobretudo pelos exemplos de perseguições à Igreja Católica em vários países europeus”

..... 

Era o Estado Novo, instaurado em 10 de novembro de 1937.

A Carta Constitucional da ditadura de Vargas, em seu artigo 2º, estabeleceu o uso obrigatório da bandeira nacional e aboliu hinos e armas regionais. A tradicional capa da *Ecos Marianos* com Nossa Senhora Aparecida ladeada pelos brasões estaduais, que circulou a partir de 1935, precisou ser substituída. Como a edição da *Ecos Marianos* de 1938 contrariava a lei de Vargas, a solução foi explicar que aquele número havia sido produzido com considerável antecedência.

6. Noite de Nossa Senhora

Foi para a concentração popular Noite de Nossa Senhora, em 1945, que a imagem original da santa saiu oficialmente, pela segunda vez, do santuário de Aparecida.

Dessa forma, foi aberta outra exceção em relação à imagem de Aparecida. Em sessão plenária do cabido metropolitano, em 1931, em que dom Duarte atendeu ao pedido para a visita e para a festa da padroeira na capital federal, ele esclareceu, em carta a dom Leme, que aquela concessão se tratava de um privilégio e que não se poderia “invocar o precedente nem mesmo para a sede da arquidiocese”.

Nossa Senhora Aparecida presidiu na catedral da Sé, em 14 de julho de 1945, uma vigília, convocada – conforme anúncio nos jornais – como “A Estrela do Brasil para Salvar o Brasil – espetáculo cívico religioso”. Segundo a capa de *O Estado de S. Paulo*, “a verdadeira e excelsa padroeira do Brasil pela primeira vez virá a esta capital presidir a grandiosa manifestação dos católicos ao Episcopado Nacional e à Força Expedicionária Brasileira. Além dos acontecimentos de ordem social, tendo em vista as graves responsabilidades”.

O jornal referia-se ao ambiente político que precedia à realização de eleições, convocadas depois de muita pressão nacional e internacional sobre Getúlio Vargas. A vigília an-

tecipava-se à outra manifestação popular no mesmo dia, dessa vez no Estádio do Pacaembu e anunciada como “São Paulo e Luís Carlos Prestes”, em torno do líder comunista recém-anistiado e postulante a um cargo eletivo.

A catedral foi aberta para a vigília e visitação à imagem durante toda a madrugada. Na manhã do domingo, foram realizadas missas. O arcebispo metropolitano fez a celebração solene para fiéis e organizações de operários, como Marcha Operária do Belém, Federação dos Círculos Operários e Federação das Ligas Católicas.

7. O Jubileu dos 250 anos

Como parte dos festejos do 250º aniversário do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida no rio Paraíba do Sul, que seria comemorado em 1967, os membros do Conselho Nacional Pró-Santuário de Nossa Senhora Aparecida decidiram organizar uma peregrinação da imagem padroeira pelo Brasil, plano que corresponderia aos anseios do povo brasileiro.

O presidente do Conselho e arcebispo coadjutor de Aparecida, dom Antônio Ferreira de Macedo, informaria, em 22 de abril de 1965, em carta-circular ao Episcopado Nacional, a importância e o alcance das celebrações que teriam a “imagem milagrosa (não fac-símile)” em várias regiões do território: “Será a visita da padroeira ao Brasil. Durante o Ano Jubilar, virá o povo pagar a visita com peregrinações representando as diversas regiões. Será então a visita do Brasil à sua padroeira.”

Dom Macedo esclareceu também que a resolução havia sido precedida de um coincidente pedido, oriundo de Minas Gerais e subscrito por autoridades, “entre as quais o Exmo. Sr. Presidente da República, Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, o Sr. Vice-Presidente da República, Dr. José Maria Alkmin, o Sr. Governador de Minas Gerais, Dr. José de Magalhães Pinto, o Ministro da Guerra, General Arthur de Costa e Silva, o Comandante da Força Pública Mineira, Cel.



José Geraldo de Oliveira, e muitas outras personalidades ilustres”.

A solicitação de Minas Gerais foi entregue por uma comitiva ao cardeal Motta, em Aparecida. Dizia o texto: “O Povo Mineiro, interpretando o desejo de todo o povo brasileiro, vem pela comissão abaixo relacionada, respeitosamente, pedir a Vossa Eminência Reverendíssima e ao DD. Conselho Administrativo da Basílica de Nossa Senhora Aparecida que se dignem conceder licença para que a Imagem de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, seja levada em triunfante peregrinação às capitais de todos os estados do Brasil, sendo em Brasília aclamada Generalíssima das Gloriosas Forças Armadas Brasileiras”.

Seriam realizadas oito peregrinações entre 1965 e 1967. Como preparação para as celebrações do Jubileu do Encontro da Imagem, foram “visitadas 21 arquidioceses, 64 dioceses, 8 prelazias, num total de 93 circunscrições eclesiais. As cidades visitadas foram 885. E, em 321 dias de peregrinação, a imagem percorreu 45.400 quilômetros, dos quais 15.515 por via aérea e 100 por via fluvial”, de acordo com a estatística e

os trajetos publicados pela revista *Ecos Marianos*. Em 1968, a imagem faria outras sete peregrinações menores e regionais.

Nos anos seguintes, o Brasil percorreria um longo e difícil caminho até reconciliar-se com a democracia e a liberdade social. Da repressão do regime militar às recentes manifestações populares pela ética e contra a corrupção, o país retomou um projeto que, se não unânime, mostra-se amplo e definitivo com relação à cidadania.

**“Para todos
tendes sido
bênção: peixes em
abundância, famílias
recuperadas, saúde
alcançada, corações
reconciliados, vida
cristã reassumida”**

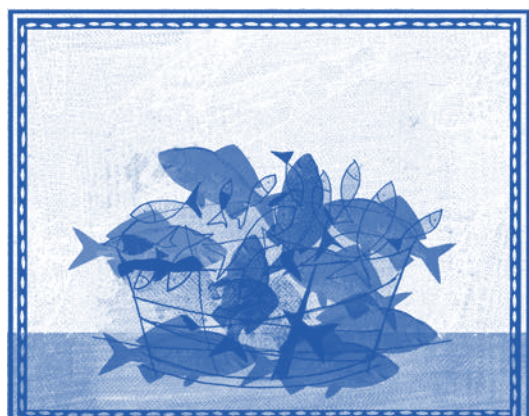
Conclusão: O jubileu dos 300 anos

Cinco décadas separam as datas jubilares em homenagem ao encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Para o tricentenário, a ser comemorado em 2017, o “Jubileu 300 anos de bênçãos”, devotos de várias ar-

quidioceses terão acesso a uma imagem peregrina da padroeira, compartilhando a emoção de uma visita ao santuário nacional. Apropriadamente, a oração composta para essa data especial traz uma das mais belas reflexões sobre a história brasileira: “Para todos tendes sido bênção: peixes em abundância, famílias recuperadas, saúde alcançada, corações reconciliados, vida cristã reassumida”. ●

O DOMINGO - Celebração Orante

- Cada número bimestral traz as celebrações – com base nas leituras bíblicas do Diretório da Liturgia da CNBB – para os domingos e dias festivos; tendo sido pensado especialmente para as celebrações dos leigos.
- Segue-se proposta de leitura orante, a partir do evangelho do dia. Essa leitura orante, por ter caráter mais pessoal, poderá ser feita no lugar e no tempo mais propícios a cada fiel.
- Para completar as celebrações e as leituras orantes, oferecemos cantos litúrgicos próprios dos respectivos bimestres, bem como orações várias da tradição da Igreja, que ajudam a alimentar a vida cristã.



Aparecida e a devoção popular

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior*

A tarefa imposta pelo conde de Assumar aos três pescadores será cumprida com a ajuda significativa da Mãe do Cristo pescador. O que se verá será mais radical e inovador que a quantidade de peixe pescado. Irá ultrapassar a vontade do rico poderoso para atingir a alma do pobre e excluído pelo regime escravocrata.

Introdução

A partir do encontro de Maria pelos pescadores Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso, abunda a vida modificada na mesa do pequeno. Filipe conserva em sua casa, entre os anos 1717 e 1732, a Senhora retirada do fundo do rio.

Pescada com as redes de pescadores, ela é quem irá “fisgar” o coração do povo do Vale do Paraíba e de todo o sul mineiro até as minas de Ouro Preto e os pampas do Rio Grande do Sul. O encontro será datado em 12 de outubro. Será o começo de longa história de amor que já dura 300 anos.

Pescadores pobres pescando uma mãe imersa nas águas, quebrada, descolorida e acinzentada. O simbolismo da maternidade sempre se relaciona com mar, rio e águas. Nascemos todos envoltos em placenta e líquido amniótico. Nascer é expresso de forma simbólica como o sair do ventre da terra ou de águas primordiais. Morrer é sinônimo de ser mergulhado nas águas profundas e desconhecidas. A mãe é um sinônimo de calor, útero, ternura e alimento que nos chega pelo cordão umbilical e pelo seio generoso.

*Fernando Altemeyer Junior é graduado em Filosofia e Teologia, mestre em Teologia e Ciências da Religião pela Université Catholique de Louvain-La-Neuve e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Assistente doutor na PUC-SP. E-mail: fajr@pucsp.br



1. Maria de Nazaré

Maria exprime na fé católica autêntica essa realidade histórica, e não o mero símbolo ou imagem produzida por mãos humanas. Aque-la a quem temos por padroeira é uma mulher real e consoladora. É Maria de Nazaré, a mãe de Jesus, o Filho de Deus. É alguém, e não algo. Fala, caminha, sofre conosco e nos encoraja a lutar como companheira, mãe, amiga e nossa irmã de fé. Maria é a filha de seu Filho e Mãe de Deus, que nela se encarnou na história. É a mais perfeita das maternidades. É a mãe que não oprime nem reprime os seus filhos, mas os quer plenos e adultos. Não é castradora, mas plenamente libertadora. Quem é esta mulher livre? Responderá Zé Vicente pela toada nordestina: “É Maria, é Maria, nossa Mãe, modelo e guia / é Maria, é Maria, companheira noite e dia!”.

A virgem negra simboliza a terra virgem que manifesta o poder infinito de Deus. O enegrecimento de imagens ocorre na Europa ao final da Idade Média, seguindo o modelo iconográfico oriental. No caso brasileiro, é a história dos negros que fará a Virgem tornar-se Senhora negra e ser assumida como tal. Enquanto a ideologia dominante pretendeu sempre o embranquecimento e a negação das raízes africanas, a fé popular realizará o contrário: um enegrecimento da Mãe Aparecida para confirmar simbolicamente o que já se vive na fé: a Santa Maria, Mãe de Deus, roga por todos os pecadores. Ao estudarmos as aparições, vemos que são sempre relatos de “desvios” que Deus indica ao mudar o mapa do catolicismo oficial e de sua narrativa racionalizada. Em Guadalupe, no ano de 1531, a virgem Morenita fala nauatle, e não o espanhol, e quer o santuário na terra dos pobres, e não na capital de Tenochtitlan. Em Aparecida, em 1717, mergulha no fundo do rio e faz “parceria” com pescadores pobres, assumindo desde cedo a defesa da vida dos escravos e a feitura de sinais

**“Pescadores pobres
pescando uma mãe
imersa nas águas,
quebrada, descolorida
e acinzentada”**

para cegos, negros e crianças. É sempre a marca da subversão, desse vir de baixo, do revelar o rosto do amor pelos últimos. A aparição tricentenária de Imaculada Conceição Aparecida revela o lugar escolhido por Deus para plantar a sua santa Igreja: a periferia, os negros, os trabalhadores, os dominados e os invisíveis da sociedade dominante. O que aprendemos em Aparecida é que todo discurso eclesial, catequético, pastoral está condicionado pelo lugar a partir de quem e com quem ele é proferido. É preciso analisar o discurso a partir do lugar de onde este é proferido. Maria indica silenciosamente que o evangelho é pronunciado a partir das periferias, dos subterrâneos e porões da humanidade. “Desde abaixo”, como dizem os irmãos latino-americanos. Maria age de forma discreta. Maria mostra que evangelho é estar com os pobres e defender sua vida, sua fé e suas esperanças. Fala direto à alma de nosso povo. Fala de amor, pois primeiro ouve aqueles que gemem neste vale de lágrimas, como advogada nossa.

2. Maria Santíssima e a imagem da padroeira

É bom dizer em alto e bom som que a imagem não é a padroeira do Brasil. A padroeira de nossa pátria e da Igreja é a Mãe de Deus. Assim o ensina santo Anselmo: “Deus é o pai das coisas criadas, e Maria a mãe das coisas recriadas. Deus gerou aquele por quem tudo foi feito; e Maria deu à luz aquele por quem tudo foi salvo. Deus gerou aquele sem o qual absolutamente nada existe; e Maria deu à luz aquele sem o qual nada vai bem” (ANSELMO, 1987, p. 1660).

Devemos destacar como ponto luminoso o caráter antropológico de nossa renovada devoção à Virgem Santíssima. O culto à Virgem precisa estar “em estreita harmonia com as ciências humanas que projetam as condições psicológicas e sociológicas mudadas nas quais



vivem as pessoas modernas, principalmente as mulheres” (JOHNSON, 2006, p. 171).

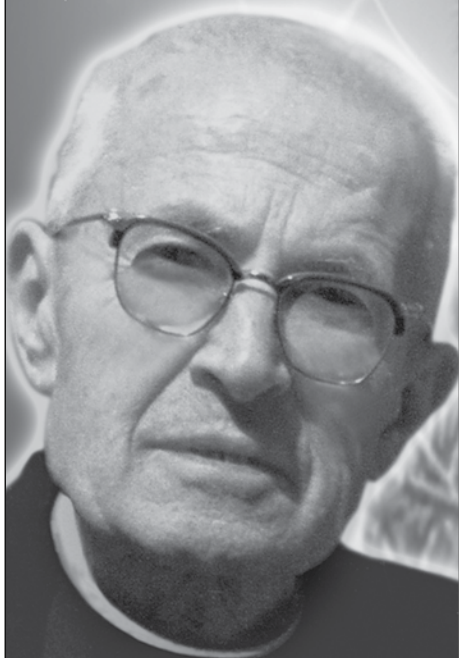
3. Que imagem foi pescada no rio Paraíba?

Uma pequenina escultura feita por um autor anônimo, da provável escola de ceramistas da ordem dos beneditinos. Atribui-se às mãos artísticas de frei Agostinho de Jesus ou de algum discípulo do mestre frei Agostinho da Piedade. O que se sabe é que foi feita de barro cozido ao fogo, na forma e estilo da imaginária e estatutária brasileira. Mede 36 cm de altura, tem 2.550 gramas de peso, colocada sobre uma peanha de prata lavrada. Feita provavelmente na primeira metade dos anos 1600. Teria adornado alguma capela ou lar até quebrar? Que caminhos até ser mergulhada ou jogada nas águas escuras do Paraíba? Quem a produziu? De onde veio? Como a arte dialogou com a cultura do povo? Para onde vai?

Aos olhos do artista e do povo brasileiro, alguns detalhes curiosos: a forma sorridente dos lábios, descobrindo os dentes da frente; rosto com covinha; penteado laborioso com tranças; flores em relevo nos cabelos; diadema na testa; saia pregueada até o chão; mãos postas, pequenas como as de uma menina; as mangas simples e justas, de muito requinte, dobrada à maneira dos mestres seiscentistas paulistas; mãos e rosto de cor original rosa-claro que foi perdida e enegrecida com a fuligem de candeeiros e sua estadia no lodo cinzento do fundo do rio.

O culto à Senhora da Conceição já possuía raízes profundas no Brasil colonial, e imagens de virgens de mãos postas podiam ser facilmente encontradas. O que temos na imagem de Aparecida é um enigma de um ícone que se transforma e assume o rosto do povo e de seus sonhos. Sabemos que “a primeira impressão tipográfica da imagem de Nossa Senhora Aparecida, feita em 1854 – uma estampa de Nossa Senhora da Conceição de pele clara –, conti-

**Institutos Paulinos de
vida secular consagrada
fundados pelo Bem-aventurado
Tiago Alberione**



**NOSSA SENHORA DA
ANUNCIAÇÃO** – para moças
anunciatinas@paulinos.org.br

SÃO GABRIEL ARCANJO –
para rapazes
gabrielinos@paulinos.org.br

JESUS SACERDOTE –
para sacerdotes e bispos diocesanos
jesussacerdote@paulinos.org.br

SANTA FAMÍLIA – para casais
santafamilia@paulinos.org.br

INFORMAÇÕES:
institutospaulinos@paulinos.org.br
ou pelo endereço: Institutos Paulinos
– Via Raposo Tavares, km 18,5
Jardim Arpoador
05576-200 - São Paulo/SP.



Imagens meramente ilustrativas.



nua a ser impressa pelo comércio de Aparecida” (CORDEIRO, LUIS e RANGEL, 2013, p. 245). Aquela imagem esculpida foi recriada e enegrecida pelos pobres e negros do Brasil. Verdadeira encarnação imagética da Aparecida que é Mãe da compaixão. Ela nos ensina que o que não for assumido em Cristo jamais será redimido. Ela desvela o que Cristo revela. Consegue o que só Deus pode conceder. Pede, pois crê fielmente. Recebe, pois obedece. Ela é a mulher radiante cantada pelo poeta no livro do Cântico dos Cânticos 6,10: “Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol?”.

Este surgimento em 1717, em plena escravidão do povo negro no Brasil, diz muito e contradiz tudo o que havia naquele bloco histórico. A imagem de Aparecida toca diretamente a vida do trabalho e as condições de sofrimento e de esperança de milhares de pessoas exploradas. Surge esfacelada entre pessoas quebradas pelo chicote de feitores e o pau de arara de senhores que se diziam cristãos. Usavam o santo nome de Deus para matar escravos. Os pescadores pobres do rio Paraíba são, sem o saber, os protagonistas de uma nova narrativa popular. Maria fará a vizinhança daqueles 350 habitantes de Guaratinguetá se agrupar. Será ela a catalisadora de pequenas comunidades eclesiais de base. Maria envia uma mensagem por meio de uma imagem esculpida. Não são palavras, mas um silêncio que fala e grita. Dirá o teólogo José Marins: “Aparecida é uma aparição que não diz palavras, não há uma mensagem direta, explícita. O meio é a mensagem. Cardeais, bispos, clero, intelectuais, políticos, governantes, dependem sempre dos primeiros testemunhos históricos, os pobres, que encontraram a Virgem em seu trabalho cotidiano” (MARINS, 1989, p. 90). Trezentos anos dessa aliança indestrutível com os pequeninos. Maria não diz nada. Só se mostra. E exige nosso

**“Os pescadores
pobres do rio Paraíba
são, sem o saber,
os protagonistas de
uma nova narrativa
popular”**

olhar convertido. Desnuda-se nas águas para viver na casa do povo e mais tarde na capela construída no morro dos Coqueiros em taipa de pilão. Percebe-se claramente o paradoxo e a tensão entre esses dois modelos ambivalentes no terreno religioso católico da cristandade colonial. Assim explica o teólogo Diego Irarrazaval: “As elites preferem formas autoritárias e androcêntricas, com as quais controlam aos grupos humanos (e isto influencia na teologia). Têm seus códigos e seus rituais. Quando falamos da gente simples, da fé de cada dia, abundam outros elementos simbólicos. Por exemplo, elementos de súplica, gratidão, celebração, que lhes fortalecem como pessoas e como crentes. Temos, pois, símbolos de liberdade. De outro lado, há um elenco de grupos fundamentalistas que difundem seus sinais de exclusão, intolerância e agressão diante dos ‘outros’” (IRARÁZAVAL, 2004, p. 241).

Em 9 de março de 1500, navegava por águas da costa da Terra de Santa Cruz a nau capitânia São Gabriel, comandada por Pedro Álvares Cabral, seguida de outras nove embarcações. Quem desbravou o mar desconhecido foi a nau batizada como Arcanjo São Gabriel. Dentro das naves portuguesas vinham oito frades franciscanos. Anteriormente, as naus espanholas comandadas pelo almirante Cristóvão Colombo em 1492 tinham à frente a nau Santa Maria, antes batizada La Gallega. Chegavam os conquistadores em naus cristãs e marianas, mas, em geral, surdos às vozes que aqui já viviam o mistério de Deus em suas culturas. Foi preciso esperar outras aparições e outros mensageiros.

4. Maria escolhe os últimos e as vítimas

Maria escolhe sempre os últimos, os que são considerados ninguém, e fala em seu idioma e dialeto. O povo que a ama faz com



que ela vá morar na casa dos pobres e, deste lugar teológico, faz correr aos quatro ventos a notícia alvissareira dessa visita celestial. Maria vem vestida com a roupa dos pobres e se revela com o maior de todos os títulos: Mãe de Deus. Já ensinava são João Damasceno: “O nome Theotókos, Mãe de Deus, por si só já contém todo o mistério da economia da salvação” (*De fide orthodoxa*, III, 12).

Maria é a inimiga da serpente, a mulher vestida de sol, a imagem da sabedoria de Deus em seu ser e em sua entrega de amor. A Virgem Imaculada Conceição expressa e personaliza a santidade humana que deseja Deus do fundo de seu ser. Ela é toda de Deus e toda do povo fiel, de quem é imagem prototípica e de quem recebe o culto da mais alta veneração. O essencial da Igreja é sempre a comunhão entre Deus e humanidade por meio do Cristo, único mediador. Maria não ofusca nem faz sombra a essa revelação salvífica. A pequenina imagem da Virgem Imaculada mostra e faz aparecer o Deus que continua querendo comunhão a partir dos pequenos. Em Maria se descobrem os sinais da Mãe que pede para ser colada/costurada/reconstruída. Naquele primeiro momento, será com a cera de abelhas apiacás que a cabeça será unida ao tronco. Nasce desta junção um povo mariano que jamais irá dela separar-se. Foi unido na dor e no amor pelo sorriso da Virgem. Uma piedade imensa brota nas casas e nas procissões do povo simples. Isso indica que a devoção mariana é sempre umbilicalmente de caráter litúrgico, pois deriva da eucaristia e a ela conduz. Maria é expressão da liturgia de todo o povo de Deus que ora e adora a Deus em suas vidas e em suas preces; que sabe que ela é Maria de Belém, a casa do pão. Nunca alguém acima ou fora da Igreja, mas dentro do Mistério da fé que é pão partilhado e presença de Deus.

Em Guadalupe vemos sua preferência pelo indígena. No Brasil, pelo negro escravi-

zado e pelo pobre machucado da exploração colonial. Maria não se apresenta como uma mulher passivamente submissa ou que reproduz uma religiosidade alienante. Ela é a mulher que diz não. Ela diz o que quer segundo a vontade de Deus. Ela propõe outro caminho. Que o bispo Juan de Zumarraga venha para a periferia do Tepeyac, e não o inverso. Que a Igreja oficial vá à periferia dos indígenas e mestiços. Que a Igreja não construa a Nova Espanha, mas descubra na raiz e nos rostos dos povos a autêntica América dos povos centro-americanos.

E a história se repete em cada país da América Latina e Caribe. Será a virgem dos pobres em Honduras, Nuestra Señora de Suyapa; no Paraguai, a Senhora de Caacupé; em Cuba, a Virgen del Cobre; a Senhora de Chiquinquirá, na Colômbia. Em Luján, na Argentina, teimosamente fica presa com o povo do lugar, à margem esquerda do rio Luján. Na Costa Rica, a Virgem de los Angeles, conhecida pelo povo como La Negrita, mostra-se a uma menina simples e pobre, Juana Pereira, em um lugar chamado Pueblo de los Negros em 2 de agosto de 1635. Ela quer ficar com os negros. Aqui se exprime o caráter ecumênico da devoção e do culto mariano. É preciso evitar exageros que firam os irmãos cristãos e os de outras confissões religiosas. Maria quer unir povos e culturas, e não segregar ou negá-las.

Ela é sempre a mulher das esperanças diante da peste, da fome e da morte. Isso é dito expressamente em Salette, Lourdes, Fátima, na Europa. Estes elementos históricos reforçam que a veneração mariana deve sempre ter um cunho essencialmente bíblico. Está umbilicalmente ligada ao seu filho Jesus como mãe e fiel seguidora. Aparece ao lado dos apóstolos de forma discreta. É a mãe singela que está junto à Igreja de Pentecostes. Vive as bodas de Caná, compreende as limitações dos pobres quando da falta de vinho e busca o filho para sanar e curar.



“Fazei tudo o que ele vos disser”, diz o evangelista, tal qual lição perene para os seguidores de Jesus.

Mesmo quando alguém foi capaz, de forma iconoclasta, de romper em 165 pedaços a imagem guardada em seu nicho, não se podia imaginar que, ao juntar novamente a Virgem originariamente despedaçada, se fazia com a ajuda da artista o que durante décadas alguns milhões de corações fizeram dia após dia, costurando relações, rezando em família e clamando por milagres e graças. Ao refazer a Virgem pedaço a pedaço, refez-se não só o símbolo e o ícone, mas se desvelou novamente a Mãe que é nosso amálgama brasileiro e força na caminhada. Assim o dizemos, quando da hora terça no ofício mariano da Senhora Conceição: “Deus vos salve, trono do grão Salomão, arca de concerto, velo de Gedeão, íris do céu clara, sarça da visão, favo de Sansão, florescente vara”.

5. Nossa padroeira é a Senhora Imaculada

O nascimento do Filho de Deus encarnado em nossa carne e vivendo nossa história é o grande segredo do Deus que, por amor e por nossa salvação, quis ser um de nós para nos levar um dia à sua glória e plenitude divinas. “O singular privilégio da Imaculada Conceição é um dom especial, ao qual Maria respondeu com maior intensidade ainda, colocando-se a serviço de Jesus e da causa do Reino de Deus” (MURAD, 2012, p. 174-175).

Não há acontecimento sem sinais. Assim diz santo Ambrósio, ao comentar o encontro de Isabel e Maria, duas grávidas de profetas. É um texto pleno de poesia: “Isabel foi a primeira a ouvir a voz, mas João o primeiro a sentir a graça; ela ouviu segundo a ordem da natureza, ele estremeceu em razão do mistério. Ela percebeu a vinda de Maria, ele, a do Senhor; a mulher, a da mulher, o filho a do

Filho. Elas proclamam a graça, eles operam interiormente e inauguram o mistério de misericórdia em proveito de suas mães; por um duplo milagre, ambas profetizam sob a inspiração de seus filhos” (*Tratado sobre o Evangelho de São Lucas*, livro 2, 19).

Esse é o mistério da fé. Esse é o grande segredo do amor escondido no ventre da Virgem Imaculada por obra de Deus Pai. Quem ama se dá a si mesmo completamente e sem esperar troca nem pagamento. Ato gratuito e generoso. Ato de quem é Deus e prefere ser chamado secretamente de Deus-conosco. Um Deus nascido num barraco; ou como dizem os nordestinos, Deus mais nós. O Verbo se fez carne; entre fraldas, nascido de uma mulher;

do ventre de Maria, a virgem imaculada. O Evangelho de Lucas é o único dos textos do Segundo Testamento que oferece um texto completo das circunstâncias de tal fato maravilhoso e inédito. O texto de Mateus é muito sucinto e passa a contar a vinda dos magos do Oriente. O segredo do Natal é Jesus. Dirá o papa Bento XVI em seu novo livro, *A infância de Jesus*: “Lucas, cujo Evangelho inteiro é permeado por uma teologia dos pobres e da pobreza, faz-nos compreender aqui uma vez mais e de forma inequívoca que a família de Jesus se contava entre os pobres de Israel; faz-nos compreender que era precisamente entre eles que podia maturar o cumprimento da promessa” (p. 71). “A pobreza de Deus é o seu verdadeiro sinal” (p. 70). Na voz da hora prima do ofício mariano da Senhora Conceição: “Deus vos salve, mesa para Deus orna-da, coluna sagrada de grande firmeza; casa dedicada a Deus sempiterno, sempre preservada, Virgem, do pecado”.

6. Nossa padroeira é a Mãe de Deus

O nascimento de Jesus se deu à noite,

“Maria é sempre
a mulher das
esperanças diante da
peste, da fome e da
morte”



em plena madrugada. Noite que é sempre filha do Caos e mãe do Céu. Engendra o sono e a morte, os sonhos, pesadelos, ternura e o engano. A noite sempre simboliza o tempo das gestações, das germinações que irromperão em pleno dia como manifestações da força vital. O que o véu noturno esconde é a semente poderosa do dia. É a noite o momento e o tempo de virtualidades, de pulsões interiores, de pensarmos na preexistência das coisas e das pessoas. Entrar na noite escura é voltar para o indeterminado e enfrentar os pesadelos e os monstros obscuros. A noite de Natal é o tempo de as trevas fermentarem o futuro (“Quanto mais negra a noite, mais carrega em si o amanhecer” – Tiago de Mello) e simultaneamente é preparação ativa do novo dia, donde brota ao alvorecer o sol invencível, a luz plena, o grito de espanto diante do calor. Desde o século IV, um hino latino cantado na cerimônia de Natal dizia que Cristo nasce no meio da noite, e daí o costume de assumir a meia-noite como hora do nascimento de Jesus. A Igreja proclama esta Noite Feliz pelo canto do galo à meia-noite, na conhecida missa do galo, e, desde o século IV, na Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, proclama: “Entre os resplendores da santidade, das minhas entranhas, Eu te engendrei antes da luz da manhã.” Ou na voz da hora sexta do ofício mariano da Senhora Conceição: “Deus vos salve, Virgem, da Trindade Templo, alegria dos anjos, da pureza exemplo”.

A criança que nasce da virgem para a nossa salvação (*puer natus est nobis*) sempre será um sinal de contradição. Assim diz santo Agostinho em seu sermão 185: “Desperta, ó homem: por tua causa Deus se fez homem”.

7. A padroeira se desvela na imagem da Virgem negra

A imagem reencontrada no fundo de um rio é bela metáfora da pérola que se encontra pela imersão do batismo. Ao mergulhar no

rio, a imagem se esconde para de novo se revelar aos pobres como a pureza escondida no lodo, como a Mãe que vem das profundezas da dor e do sofrimento com alimento abundante (peixes), como fio de esperança em favor da vida. Ela é como que a ostra que ofereceu a pérola que é Cristo, e é a pérola de onde sai a cora da divindade e da salvação. Em Maria, temos a certeza de que a vida humana não fica órfã nem será vencida pelas trevas. Como rezamos nas vésperas do ofício mariano da Senhora Conceição: “Deus vos salve, relógio que, andando atrasado, serviu de sinal ao Verbo encarnado”.

Escreve o santo bispo Luciano Mendes: “A pequenina imagem retirada das águas do rio pelos pescadores comunica-nos mensagem de solidariedade com os filhos, na época, mais oprimidos. Identificou-se com os brasileiros que sofriam a injustiça da escravidão. A mãe de Deus mostrava nos traços de sua face a semelhança com os filhos negros, o amor que lhes dedica, a dignidade que lhes compete. No tempo das discriminações, tornou-se a mãe de todas as raças, fez-nos compreender que somos todos irmãos” (MENDES DE ALMEIDA, 2016, p. 37).

Conclusão

Que vemos na imagem do fundo das águas aparecida? O Verbo de Deus tomando de Maria o corpo animado de razão. O Verbo de Deus nascido de Deus antes de todos os tempos e, para nossa salvação, nascido no tempo do ventre de Maria. Vemos a Virgem Imaculada acolhendo o Verbo de Deus em seu coração, em seu corpo, e iluminando a vida para o mundo. Vemos a mulher que consentiu livremente que Jesus se encarnasse. Vemos alguém que ultrapassa todas as demais criaturas, pois é a filha mais amada do Pai e o santuário do Espírito Santo. Depois de Cristo, ela ocupa o lugar mais elevado na Igreja. Vemos a nossa Mãe. Na pequenina imagem guardada no santuário nacional, vemos Maria, que é íco-



ne da Igreja e modelo dos fiéis. Essa nossa Mãe “brilha também na terra como sinal de esperança segura e de consolação para o povo de Deus, ainda peregrinante até que chegue o dia do Senhor” (Decreto Conciliar *Orientalium Ecclesiarum*, n. 68). Assim como o Espírito Santo cobriu com sua sombra a Virgem e esta concebeu o Salvador, que a Mãe Aparecida socorra nossas fraquezas e aqueça nosso coração de filhos de Deus que esperam no

amor e pedem sua bênção maternal. Maria é a Igreja nascente que mergulha no povo padecente. É a senhora das dores, a Mãe do Céu morena, a mulher ressuscitada. A ela cantamos com a melodia do padre Zezinho: “Hoje eu me fiz romeiro sem ilusão e sem utopia/ Fui visitar a casa que construíram pra mãe Maria/ E, no meu jeito simples de entender esta devoção,/ Virgem morena eu disse:/ Conduz meu povo à libertação”. ●

Bibliografia

- ANSELMO, Santo. Sermões, Oratio 52, PL 158, 955-956. In: IGREJA CATÓLICA. *Liturgia das horas – ofício das leituras*. São Paulo: Paulus, 1987.
- CORDEIRO, José; LUIS, Denilson; RANGEL, João. *Aparecida: devoção mariana e a imagem Padroeira do Brasil*. São Paulo: Cultor de Livros, 2013.
- IRARRÁZAVAL, Diego. *Raíces de la esperanza*. Lima: Idea-CEP, 2004.
- JOHNSON, Elizabeth A. *Nossa verdadeira irmã: teologia de Maria na comunhão dos santos*. São Paulo: Loyola, 2006.
- MARINS, José. *Para viver a Maria, madre de comunidades*. Buenos Aires: Editorial Guadalupe, 1989.
- MENDES DE ALMEIDA, Luciano. A padroeira do Brasil. In: SILVA, Edmar Jose da; MELO, Edvaldo Antonio. *Dizer o testemunho – dom Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Paulinas, 2016. v. 2.
- MURAD, Afonso. *Maria, toda de Deus e tão humana : compêndio de mariologia*. São Paulo: Paulinas; Aparecida: Santuário, 2012.

DICIONÁRIO DA EVANGELII GAUDIUM

50 palavras-chave para uma leitura pastoral

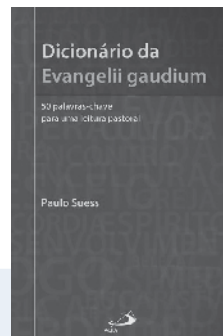
Paulo Suess

Prático e acessível, este dicionário traz 50 palavras-chave para facilitar a compreensão da primeira Exortação Apostólica do papa Francisco, a *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho. (180 páginas)

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



Imagens meramente ilustrativas.



Aparecida na curva do rio

Maria Cecília Domezi*

Os devotos são sujeitos ativos e criativos no processo que, desde a “curva” da heterodoxia, ressignifica o ícone da Senhora da Conceição como a Aparecida no barro, nas águas e na fé. A imagem e o imaginário são recompostos e se enegrecem, enquanto a apropriação do batismo faz criar laços e recuperar a dignidade.

Mãe dos aflitos, empresta da imagem oficial a mediação permitida, Senhora da Conceição, mas vem nas redes dos pobres como sua Aparecida com a solidariedade de um novo modo de vida que vence todo escravismo, latifúndio e exclusão!

Introdução

Como pode uma imagem tão pequena atrair tanta gente, a ponto de a multidão dos romeiros se derramar de um santuário gigantesco? Mais que uma pergunta, essa era a exclamação de não poucos latino-americanos que, em maio de 2007, chegaram para a Conferência de Aparecida. Os corações se aqueciam ao pronunciar a expressão “imagem negra de Nossa Senhora Aparecida”, naquela feliz mistura da multidão dos peregrinos com os bispos, cardeais e demais participantes da V Conferência-Geral do episcopado do continente, a primeira realizada num local público, um santuário mariano de devoção popular.

Essa interação trouxe frutos bastante positivos. Em vários parágrafos dedicados à piedade popular, o *Documento de Aparecida* (DAP 258-265) reconhece sua autenticidade como espiritualidade cristã: “É uma espiritualidade

Maria Cecília Domezi, paulista de Jaú, é doutora em Ciências da Religião, com mestrados em Teologia e História Social. Além do trabalho acadêmico e de diversas publicações, principalmente em história do cristianismo e história das religiões, tem experiência de trabalho pastoral com as comunidades eclesiais de base.

E-mail: cecidomezi@uol.com.br



encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira” (DAP 263).

A grande força simbólica da pequenina imagem negra, no cenário das *morenitas* que representam a Virgem Maria em todo o continente, também inspirou um compromisso de solidariedade efetiva com os povos indígenas e afro-americanos, bem como com “outros” diferentes, aos quais se deve respeito e reconhecimento (DAP 88-89).

A interação com o povo romeiro ainda ajudou a enxergar os novos rostos da pobreza, bem como a alargar e aprofundar a opção pelos pobres. A missão foi entendida na perspectiva dos empobrecidos, dos excluídos, daqueles tratados como sobrantes e descartáveis, reconhecendo-se que sua eficácia passa pelo protagonismo da mulher. No entanto, ali estavam também aqueles que, “com seus medos e contrapontos, revelam quais os ‘pontos sensíveis’ ou os ‘terrenos minados’ no caminho da renovação conciliar e da tradição latino-americana” (BRIGHENTI, 2008, p. 28, 86-90). Entre eles, os que, atuando como censores em nome da ortodoxia, rejeitavam a palavra “imagem” e, mais ainda, o qualificativo “negra”.

Justamente ali está um ponto sensível, a outra maneira, própria para ser pensada desde o lugar da curva do rio e na perspectiva da inculturação do evangelho.

1. Na curva da heterodoxia

Uma curva não é um desvio da rota, como uma expressão heterodoxa da fé não é uma heresia. Trata-se da *ortodoxia* de outra maneira. A curva é uma inovação na dinâmica do percurso, um *ralentando* para atender à gravidade do momento. É movimento que se faz com uma sensibilidade a mais, na opção pelo olhar e atitude que atendam à complexi-

dade da vida situada num lugar preciso e num particular momento da história.

Foi numa curva do rio Paraíba do Sul, próxima ao Porto de Itaguaçu, que trabalhadores da pesca encontraram, quebrada, uma pequena imagem da Senhora da Conceição. Poderia ser simplesmente o ícone da oficial patrona de Portugal com todos os seus domínios coloniais. Porém, a curva possibilitou que a terapia do barro, nas profundezas, sedimentasse a sua novidade, até que ela fosse alcançada por trabalhadores cuja fé interagira com sua luta diária.

Ao mesmo tempo, nas margens da sociedade e da religião oficial, uma diluição de fronteira entre o catolicismo obrigatório e as religiões afro-indígenas-brasileiras deu liberdade a uma relativa heterodoxia, a qual tornou possível uma circularidade entre a doutrina oficial e as expressões populares da fé cristã católica.

Assim, o signo recolhido do lodo, modificado, extrapolou o significado dado pelo poder colonial para abrir-se a uma viva resignificação desde o universo dos colonizados. Por isso, ao crescente enegrecimento da imagem enquanto signo corresponde o enegrecimento da imagem enquanto significado.

Processo sofrido e denso tem sido esse. A simbólica dessa santa de um não lugar nasceu do pensamento e do coração dos situados à margem da oficialidade e dos poderes estabelecidos, reduzidos à condição de fracos, mas que se tornaram sujeitos atuantes e criativos no quadro da sua própria tradição. A imagem enquanto signo da Imaculada Conceição fora estabelecida hegemonicamente como “Nossa” Senhora, na formalidade das relações sociais desiguais e hierarquizadas da sociedade, deixando toda a força da ambiguidade da “Senhora” na fronteira entre a dona e a mãe compassiva. Essa foi a abençoada brecha para que

“A simbólica dessa santa de um não lugar nasceu do pensamento e do coração dos situados à margem da oficialidade e dos poderes estabelecidos”



as pessoas devotas, na vulnerabilidade em meio às situações difíceis da vida, passassem a apropriar-se da imagem e a recompor o seu significado, através do complexo dinamismo da cultura popular brasileira. Assim, seu grito, muitas vezes abafado, evidencia a intimidade com ela: “Minha Nossa Senhora Aparecida!” (DOMEZI, 2016, p. 157 e 248).

De fato, debaixo da violência do poder da hierarquia da sociedade brasileira, constituído em fundamentos frágeis, por regras frouxas e noções prenhes de dupla significação, já não há obediência que não seja acompanhada de uma disposição de rebeldia. E a “falha escondida” da ambiguidade, marca típica do catolicismo e da cultura popular brasileira, torna-se favorável aos relegados à periferia da sociedade e da Igreja (FERNANDES, 1994, p. 117).

Esse é o modo como, no Brasil, a Mãe de Jesus se tornou Nossa Senhora Aparecida e entrou no coração de um incontável número de pessoas devotas. A fé dos sofrendores proveu sentido ao seu aparecimento através do ícone emprestado da Senhora da Conceição, na curvatura de uma fértil heterodoxia a serviço da redenção e da libertação dos cativos.

Dia após dia, os pobres, excluídos e sofrendores vão construindo o simbolismo de Nossa Senhora Aparecida e do seu santuário, num processo que, desde a experiência de fé cristã das escravas e dos escravos negros, passa por tropeiros explorados, mulheres submetidas e violentadas, índios reduzidos à minoria e condenados à fome, trabalhadores e trabalhadoras explorados, gente excluída e abandonada.

No entanto, entre as multidões de pessoas devotas de Maria representada nos ícones das Virgens morenas da América Latina, aprofunda-se dia a dia a consciência e responsabilidade como membros do Povo de Deus. Sua presença constante, inserida no universo da paixão de Cristo, é da Mãe da compaixão, da grande mediadora entre os seus filhos sofrendores e Deus. E, no Brasil,

invocá-la como “minha Nossa Senhora” significa unir respeito e intimidade (BOFF, C., 1995, p. 15-16, 111).

Pode-se entender, então, a força de atrair, congregar e animar, sentida através da pequenina imagem negra que está na Basílica de Aparecida. Ali está o ícone do povo oprimido e libertador que, encontrado por pescadores pobres num ambiente de forte tensão social, assumiu a cor da etnia mais desprezada e logo sinalizou o milagre da libertação dos escravos. E seu culto, iniciado e propagado por pessoas leigas, pobres, humildes e anônimas, vai ganhando vigor e comprometimento na luta pela justiça. É o que evidenciam as romarias dos trabalhadores, realizadas a cada ano (Ibid., p. 38-43).

2. Aparecida no barro, nas águas e na fé

A Palavra de Deus abraça a mediação de belíssimas narrativas da criação. Diz ela que, quando ainda era o caos, e as trevas cobriam o abismo, o sopro de Deus pairava sobre as águas (Gênesis 1,2). E nos apresenta Deus Criador como um oleiro e escultor que, pegando o pó da terra, modela com suas mãos o ser humano e nele imprime o seu sopro de vida (Gênesis 2,7).

Do pó da terra também foi feita a imagem da Senhora da Conceição que se tornaria a Aparecida. Um monge beneditino, muito provavelmente frei Agostinho de Jesus, esculpiu-a em terracota paulista, barro de coloração imprevisível que, ao ser queimado, pode resultar em rosa ou cinza. A escultura ficou acinzentada. Ele teve de cromá-la nas cores oficiais seguindo as determinações do rei de Portugal. Mas inovou a escultura, deixando a imagem mais parecida com as mulheres brasileiras em sua labuta diária: os lábios com um leve sorriso, covinha no queixo, o penteado longo e solto, flores nos cabelos e na testa e um porte que podemos chamar “de cabeça erguida” (cf. BRUSTOLONI, 1998, p. 18, 21-23 e 50).



Ao emergir das águas em dois pedaços, a escultura com cabeça decepada, enlameada e enegrecida permitia que se auscultasse a revelação divina através dos sinais dos tempos.¹ Deus se revelava à humanidade, e com uma inusitada linguagem, naquele tempo de crueldade sem limites na exploração de pessoas negras escravizadas nos subterrâneos da mineração. Nessa febre do ouro estava o bandeirante apelidado pelos nativos de *anhanguera*, ameaçando devorar o rio com fogo enquanto os iludia com queima de álcool em cima da água. Ao contrário, a imagem de Nossa Senhora traz toda a verdade do Deus da vida. Ela aparece suavemente e, na sua fragilidade, revela toda a força da salvação divina que opera na história; faz a vida em abundância emergir das águas propiciando a pesca milagrosa; legitima o processo de libertação integral.

Não devemos esquecer, porém, a dura realidade na qual a Mãe do Redentor aponta novo sopro de vida. Como explica Darcy Ribeiro, o povo brasileiro nasceu deformado e condenado ao desarranjo por causa da quebra de laços familiares, culturais, étnicos e religiosos, além de outras tantas formas de violência. O povo teve de se enveredar num tortuoso caminho para buscar coesão no plano emocional, restando a ambiguidade como único espaço para a afirmação da identidade étnica (RIBEIRO, 1995, p. 131-132).

As águas do batismo foram o precioso recurso para a recomposição de laços, apesar da absurda contradição do sistema colonial de

associar sua marca indelével da graça e da libertação em Cristo à marca da escravidão e da desgraça. Ocorre que os escravizados e colonizados apropriaram-se desse sacramento no sentido de recuperação da sua dignidade humana e de acesso à cidadania. À maneira da colagem dos pedaços da imagem da Aparecida, desde logo foram criando novos laços de compadrio e vizinhança, reinventando a sociabilidade e a fraternidade através das festas de santo, das irmandades e das confrarias leigas.

É preciso continuar e sempre atualizar o processo sinalizado pelos pescadores que recolheram a imagem há trezentos anos. Através de redes de solidariedade, temos de recolher com respeito o corpo machucado e caótico do povo brasileiro para curar as feridas e construir a cidadania. Unir cabeça e corpo é integrar trabalho e política, fazer a fé interagir com a *práxis* de transformação da so-

ciedade, estabelecer igual dignidade para todas as pessoas. É não mais permitir que pessoas sejam tratadas como meros braços e corpos a serem abusados. É instaurar um efetivo reconhecimento das mulheres como capazes de pensar, dirigir, governar.

3. Negra Mariama chama

Negra Mariama, chama pra lutar
em nossos movimentos sem desanimar.

Levanta a cabeça dos espoliados.

Nossa Companheira, chama pra avançar!²

1 A categoria teológica dos “sinais dos tempos”, introduzida pelo papa João XXIII no horizonte da esperança, com a perspectiva da valorização, transformação e renovação da humanidade e de toda a criação, foi assumida pelo Concílio Vaticano II, como se pode ver em *Gaudium et Spes*, n.4; 11; 44; *Presbyterorum Ordinis*, n.9; *Unitatis Redintegratio*, n.4; *Apostolicam Actuositatem*, n.14.

2 Da canção *Negra Mariama*, composta por mim em 1984. Clodovis Boff afirmou que pode ser qualificada de “Magnificat negro” (BOFF, C., 1995, p. 86-87). Divulgada pela CNBB na Campanha da Fraternidade de 1988, foi incluída em muitos cancionários, como o do Curso de Verão do CESEP, embora com um erro no nome da autora, que consta como Maria C. Domezal (*O povo canta a sua luta*. Curso de Verão, CESEP, 1993, p. 51).



O conceito da Negra Mariama referente a Nossa Senhora Aparecida foi introduzido por dom Helder Camara, em sua Invocação a Mariama, ao final da Missa dos Quilombos, que foi celebrada em Recife no dia 22 de novembro de 1981 (CEP – Peru, 1986, p. 121-122). Era uma tentativa de chamá-la com um nome afro-brasileiro. Pode-se ver que a ênfase em sua negritude acompanha a abertura da Boa-Nova de Jesus à inculturação.

O achado da imagem de Aparecida ocorreu 186 anos depois da aparição da Virgem de Guadalupe, no México. Naqueles primórdios da colonização espanhola, quando a devastação e o massacre sofridos pelo império asteca deixaram os sobreviventes num sentimento de indescritível orfandade, a janela aberta para aderir de coração ao cristianismo obrigatório foi o imaginário da deusa mãe Tonantzin, persistente e vivo nas ruínas do seu santuário no morro do Tepeyac. Desde lá se evidencia que, no dinamismo das ricas culturas dos povos oprimidos e empobrecidos da América Latina e do Caribe, a adesão ao cristianismo se vem fazendo por outras chaves. Por isso, nas imagens de Maria predomina a explicitação da mestiçagem, acentuando-se os traços das etnias dos nativos, apelidados de “índios”, bem como dos africanos e de seus descendentes.

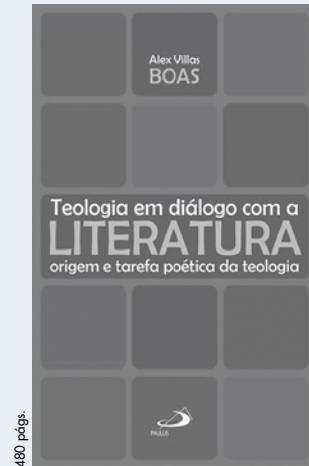
Foi na grande proximidade com a Mãe da Compaixão, Nossa Senhora, que os povos deste continente abraçaram de coração a fé cristã. A adesão da fé viva se faz através de uma reciclagem de destroços, bricolagem de significados e recuperação da dignidade de suas ricas culturas.

Contudo, a dor por causa do racismo continua pungente, inclusive a do racismo silencioso e disfarçado numa reivindicação de universalidade e igualdade de leis. Também persistem múltiplas formas de escravidão. E, na escala das discriminações e exclusões de todo tipo, o peso da opressão e da humilhação tem seu extremo na mulher ne-

Teologia em diálogo com a literatura

Origem e tarefa poética da teologia

Alex Villas Boas



A literatura oferece, desde sempre, matéria-prima para a reflexão teológica, desde os clássicos greco-latinos até a atualidade, passando por séculos de produção literária. A tentativa do professor Alex Villas Boas neste trabalho é articular uma perspectiva para interpretar de modo dinâmico a relação entre a representação artístico-literária e o horizonte teológico nela esboçado.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





gra e pobre. Além disso, com frequência vemos terreiros e templos de religiões afro-brasileiras sendo invadidos e profanados, e suas imagens destruídas. Não se atenta para o fato de que a imagem de Nossa Senhora Aparecida está presente e é cultuada também por fiéis de outras religiões. É claro que ela nos chama à tolerância, ao ecumenismo entre as Igrejas cristãs e ao diálogo entre as religiões. É aí que os olhos da fé dos oprimidos veem Maria aparecer como Mariama, sinal do Deus que liberta e salva sem discriminar ninguém.

Conclusão

O papa Francisco nos diz que Maria é modelo para a evangelização porque ela está na dinâmica da justiça, da ternura, da contemplação e do caminho para os outros. Ela é a mulher orante e trabalhadora de Nazaré e, ao mesmo tempo, a Nossa Senhora da prontidão, que sai às pressas do seu povoado para ir ajudar os outros. Ela nos mostra a força revolucionária da ternura e do afeto, ao mesmo tempo em que parte para a busca da justiça

em favor dos pobres, como entoa em seu “Magnificat” (*Evangeli Gaudium*, n. 288).

A Negra Mariama da curva do rio e das margens do poder patriarcal estabelecido é aquela que canta o *Magnificat*. No *Documento de Aparecida* lemos:

A figura de Maria, discípula por excelência entre discípulos, é fundamental na recuperação da identidade da mulher e de seu valor na Igreja. O canto do *Magnificat* mostra Maria como mulher capaz de se comprometer com sua realidade e diante dela ter voz profética (DAP 451).

Ela continua chamando a todos e todas para o encontro com Deus maternalmente Pai. E nós continuamos a lhe pedir:

Aparece nos pedaços da história dos oprimidos, no juntar cabeça e corpo, trabalho e cidadania, na fé que ultrapassa o caos reciclando o imaginário, nas mulheres que lideram para um novo itinerário. Nossa Mãe Aparecida, aparece a cada dia! ●

Bibliografia

- BOFF, C. *Maria na cultura brasileira: Aparecida, Iemanjá, Nossa Senhora da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- BRIGHENTI, A. *Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-texto, o com-texto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008.
- BRUSTOLONI, J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida: a imagem, o santuário e as romarias*. 10. ed. rev. e ampl. Aparecida, SP: Santuário, 1998.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência-Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.
- CEP – Centro de Estudos e Publicações – Peru. *Sinais de vida e fidelidade: testemunhos da Igreja na América Latina (1978 – 1972)*. São Paulo: Paulinas, 1986.
- DOMÉZI, M. C. *O DNA religioso das CEBs: entre visão mítica e consciência histórica*. Saarbrücken, Deutschland: Novas Edições Acadêmicas, 2016.
- FERNANDES, R. C. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FRANCISCO, Papa. *Evangeli Gaudium: A Alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Também na internet:
vidapastoral.com.br

*Nascido na Bélgica, reside há muitos anos no Brasil, onde leciona desde 1972. É autor em teologia e mestre em Filosofia e em Filologia Bíblica pela Universidade Católica de Lovaina. Atualmente é professor de Exegese Bíblica na FAJE, em Belo Horizonte. Dedica-se principalmente aos seguintes assuntos: Bíblia – Antigo e Novo Testamento (tradução), evangelhos (especialmente o de João) e hermenêutica bíblica. Entre outras obras, publicou: *Descobrir a Bíblia a partir da liturgia*; *A Palavra se fez livro*; *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis – anos A-B-C*; *Ser cristão*; *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*; *A Bíblia nas suas origens e hoje*; *Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”*. E-mail: konings@faculdadejesuita.edu.br



Pe. Johan Konings, sj*

4º Domingo da Páscoa
7 de maio

Jesus, a porta de pastores e ovelhas

I. Introdução geral

O quarto domingo pascal é conhecido, na pastoral, como o domingo do Bom Pastor. A oração do dia é inspirada por esse tema (a fraqueza/fragilidade do rebanho e a fortaleza do Pastor). Porém, desde a reforma litúrgica do Concílio Vaticano II, o conjunto literário do “Bom Pastor”, no Evangelho de João, foi repartido pelos três anos do ciclo, A, B e C. Neste ano A, a leitura do evangelho não apresenta, propriamente, a parábola do Bom Pastor (Jo 10,11-18, evangelho do ano B), e sim o trecho anterior, *a parábola da porta e dos pastores* (Jo 10,1-10). Essa parábola dá ensejo à exploração de outros temas que não os tradicionais, para que, segundo o desejo do concílio, seja “ricamente servida” a mesa da Palavra.



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 2,14a.36-41

A primeira leitura é a continuação da pregação missionária de Pedro que já ouvimos no domingo anterior. Apresenta-se o querigma cristão e a conversão, o que combina bem com o espírito da Páscoa como celebração do batismo. Pedro conscientiza os judeus de Jerusalém de que Jesus, rejeitado e morto por eles, foi por Deus constituído Senhor e Cristo (v. 36). Essa pregação provoca o arrependimento (*metanoia*) no coração dos ouvintes: convertem-se e aderem ao círculo dos discípulos (v. 37-41). O povo de Israel é agora obrigado a optar, e não só Israel, mas também os que o Senhor chamou “de longe”, os não israelitas (v. 39; cf. Is 57,19). Parte da população de Jerusalém se converte, então, àquilo que Pedro anunciou. Essa conversão pode reter, hoje, a nossa atenção. É o protótipo da adesão à Igreja em todos os tempos. Nós estamos acostumados a nascer já batizados, por assim dizer. Mas isso não quer dizer que nos tenhamos convertido para aderir a Cristo na sua Igreja. Pensemos naquela multidão que, pouco antes, desconhecia ou até desprezava o caminho e a atitude de Jesus de Nazaré e, ativa ou passivamente, havia concordado com sua crucifixão. Agora que Pedro, pela força do Espírito, lhes mostra que essa vida (de Jesus) foi certa e por Deus coroada, eles deixam acontecer no seu coração a verdadeira *metanoia*, a “revirada” do coração. Em virtude daquilo que lhes foi pregado a respeito do Cristo, mudam sua maneira de ver, sua escala de valores. Essa *metanoia* é o passar pela porta que é Cristo, como diz o evangelho, o recusar-se a ladrões e assaltantes, que se apresentam sem passar por ele. É aderir a nada que não seja conforme Cristo, marcado por sua vida

e situado no seu caminho. Será que nós fizemos essa conversão?

2. II leitura: 1Pd 2,20b-25

Pedro ensina os que vivem na condição de escravo ou servo (cf. 1Pd 2,18) a trilhar os passos de Jesus Cristo pastor. Assemelhado ao Servo Padecente de Deus (cf. Is 52-53), Cristo deu, no seu sofrer, o exemplo da paciência. A imagem das ovelhas perdidas, no v. 25, corresponde à imagem do pastor, ao qual o rebanho se confia pelo batismo. Ele nos abre o caminho certo: não o da violência opressora, mas o da justiça que, para se provar verdadeira, não se recusa a sofrer.

3. Evangelho: Jo 10,1-10

O evangelho de hoje é a parábola da porta do rebanho e dos pastores. No contexto anterior, a história do cego (Jo 9), os fariseus mostraram ser os verdadeiros cegos. Eles deveriam ser os pastores de Israel, mas não o são. Em continuidade direta com esse episódio – pois não há nenhuma nova indicação de cenário –, Jo 10 mostra quem não é e quem é o verdadeiro pastor. Os vv. 1-5 narram uma parábola: a cena campestre do redil comunitário, onde entram e saem os pastores e as ovelhas, mas onde também entram, por vias escusas, os assaltantes, para roubar e matar. As autoridades judaicas não entendem a parábola (v. 6), pois só entende quem crê em Cristo. Em seguida, nos vv. 7-18, a parábola é explicada em dois sentidos: Jesus é a porta (vv. 7-10), Jesus é o pastor (vv. 11-18). No trecho lido hoje, é apresentada a parábola introdutória e a primeira explicação: Jesus Cristo é a *porta*. Por ele entram os pastores verdadeiros, por ele são conduzidas as ovelhas até os prados onde encontrarão vida. Antes dele vieram pessoas que entravam e saíam, não pela porta, mas por outro lugar: eram assaltantes, conduziam as ovelhas para a perdição, para tirar-lhes a



vida. Pouco importa quem sejam esses assaltantes – Jesus parece pensar nos mestres judeus de seu tempo –, não os devemos seguir. O que importa é a mensagem positiva: que passemos pela porta que é Jesus Cristo. Só o caminho que passa por ele é válido. Essa porta se situa, portanto, na comunidade dos fiéis a Cristo. Na comunidade que representa o Cristo, depois da ressurreição, encontramos o que nos serve para sempre; teremos o mesmo acesso ao Pai que os apóstolos encontraram na pessoa de Jesus (cf. Jo 14,6-9). Jesus com a sua comunidade é a porta que dá acesso ao Pai. Jesus dá acesso ao caminho da salvação tanto aos pastores, para entrarem, quanto aos rebanhos, para saírem rumo às pastagens. Onde há vida, é por Cristo que chegamos a ela (cf. Jo 14,6). O prefácio da Páscoa II (“Cristo, nosso guia para a vida nova”) e a oração final (proteção e “prados eternos” para o rebanho) dão continuidade a esse tema.

III. Dicas para reflexão: A salvação por meio de Jesus

O tempo pascal é um tempo de reflexão sobre a realidade de nosso batismo e de nossa fé. Ora, nosso batismo não é real sem *metanoia*, sem mudança de caminho, para conscientemente passar por Cristo. O batismo por conveniência não tem nada a ver com a conversão implicada no batismo verdadeiro.

Conversão como reconhecimento do que está errado e adesão a Cristo como escolha do caminho certo, eis o que nos propõe a liturgia de hoje. Mas, apesar de certa austeridade nessas considerações, temos também o testemunho da gratificação vital que essa conversão a Cristo nos traz. No contexto em que vivemos, podemos, porém, fazer uma pergunta: a salvação vem só por Cristo?

A parábola e sua primeira explicação (Jesus, a porta) nos ensinam que pastor,

Para o diálogo com a universidade

João Décio Passos



A relação da teologia com a universidade compõe a história das duas criações da razão no Ocidente. A teologia continua participando dos destinos políticos e científicos da modernidade, embora a dialética entre fé e razão tenha novos desafios. Neste livro, o filósofo e teólogo João Décio Passos explora o espírito de diálogo da teologia com a universidade, que avança à medida que busca no passado a inspiração para o presente.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





mesmo, é só quem passa através de Jesus e faz o rebanho passar por ele. O sentido fundamental da pastoral é ir às pessoas por Cristo e conduzi-las através dele ao verdadeiro bem. As maneiras podem ser muitas: antigamente, talvez, usavam-se modos mais paternalistas; hoje, modos mais participativos. Mas pode-se chamar de pastoral uma mera ação social ou política? Por mais importante que seja, ainda não é, de per si, ação pastoral cristã. Para ser pastoral cristã, a atuação precisa ser orientada pelo projeto de Cristo, que ele nos revelou, dando sua vida por nós.

Nessa ótica, os pastores devem *ir* aos fiéis (não aguardá-los de braços cruzados), através de Cristo (não através de mera cultura ou ideologia), para conduzi-los a Deus (não apenas à instituição que é a Igreja), fazendo-os passar por Cristo, ou seja, exigindo adesão à prática de Cristo. Os fiéis devem discernir se seus pastores não são “ladrões e assaltantes”, e o critério para discernir é este: se chegam através de Cristo e fazem passar os fiéis por ele.

A julgar pelas palavras do Novo Testamento, parece que *toda a salvação passa por Cristo*. Mas isso deve ser entendido num sentido inclusivo, não exclusivo. Todo caminho que verdadeiramente conduz a Deus, em qualquer religião e na vida de “todos aqueles que procuram de coração sincero” (Oração Eucarística IV), passa, de fato, pela porta que é Jesus. Dirigido, provavelmente, a pessoas que já aderiram à fé em Jesus, o Evangelho de João ensina: *não precisam procurar a salvação fora desse caminho*. Isso vale ser repetido para os cristãos de hoje. Por outro lado, não é preciso que todos confessem o Cristo *explicitamente* para encontrar a salvação. Basta que, nas opções da vida, optem pela prática que foi, de fato, a de Cristo. Agir como Cristo é a salvação. E é a isso que a pastoral deve conduzir.

5º Domingo da Páscoa
14 de maio

Jesus, caminho, verdade e vida

I. Introdução geral

A liturgia de hoje deve ser contemplada à luz da leitura evangélica, tomada de João. Essa leitura, junto com o prólogo de João, fornece, como veremos, a chave da mensagem do Quarto Evangelho: a manifestação de Deus em Jesus Cristo. Por outro lado, a primeira e a segunda leituras dirigem nosso olhar para a comunidade nascida da fé em Jesus, a Igreja. Por isso, a dinâmica da homilia poderá desdobrar-se na ordem inversa das leituras, pois o que o evangelho faz entrever é a base daquilo que as leituras evocam.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 6,1-7

A primeira leitura continua a narração dos primórdios da jovem comunidade nos tempos depois da Páscoa e Pentecostes. A caridade cria novas tarefas, porque o crescimento da comunidade tinha trazido um novo problema. Além dos convertidos do judaísmo tradicional de Jerusalém, entraram convertidos do “judeu-helenismo”, judeus helenizados, que viveram nas cidades comerciais do Mediterrâneo, ou pagãos convertidos, prosélitos, que tinham aderido ao judaísmo e agora passavam à comunidade cristã. A entrada dessas pessoas, que não pertenciam aos clãs tradicionais, tornou necessário um novo serviço na comunidade: a organização da assistência às viúvas desse grupo e do “ministério dos pobres” em geral, ao lado dos apóstolos, que serão em pri-

meio lugar servidores da Palavra e fundadores de comunidades.

2. II leitura: 1Pd 2,4-9

A segunda leitura casa bem com a primeira. Fala do mistério da Igreja, templo de pedras vivas, sustentadas pela pedra de arri-mo que é Jesus Cristo, “pedra angular rejeitada pelos construtores” (1Pd 2,7; cf. o salmo pascal, Sl 118[117],22). Em 1Pd 2,9, a Igreja é chamada pelo título por excelência do povo de Israel segundo Ex 19,6, “sacerdócio régio”, sacerdócio do Reino. Assim como o povo de Israel foi escolhido por Deus para celebrar a sua presença no meio das nações, assim a Igreja é o povo sacerdotal, escolhido por Deus para santificar o mundo. Ela é chamada a ser o “sacramento do Reino”, sinal e primeira realização do Reino no mundo. Com essas imagens, Pedro destaca a dignidade e responsabilidade dos que receberam o batismo na noite pascal. Graças ao Concílio Vaticano II, valorizamos agora melhor esse *sacerdócio dos fiéis*, que designa a *santificação do mundo como vocação do povo de Deus* como tal, isto é, de todos os que podem ser chamados de “leigos” (em grego, *laós* = povo; nesse sentido, também os membros da hierarquia são “leigos”!). Como o sacerdote santifica a oferenda, assim todos os que levam o nome cristão devem *santificar o mundo* pelo exercício responsável de sua vocação específica, na vida profissional, no empenho pela transformação da sociedade, na humanização, na cultura etc. Tal “sacerdócio dos fiéis” não entra em concorrência com o sacerdócio ministerial, pois este é o serviço (“ministério”) de santificação dentro da comunidade eclesial, aquele é a missão santificadora da Igreja no mundo como tal. O sacerdócio dos fiéis significa que a Igreja, como comunidade, e todos os fiéis pessoalmente, em virtude de seu batismo, recebem a missão de santificar o mundo, continuando a obra de Cristo.

Família, o nosso grande tesouro Roteiros para oração, reflexão e ação

Cristovam Iubel



As famílias permanecem no coração da missão de evangelização da Igreja, porque é no lar que nossa vida de fé é expressa e se nutre primeiramente. Pais, vocês são as primeiras testemunhas para seus filhos das verdades e valores de nossa fé: rezem com e pelos seus filhos, ensinem pelo seu exemplo de fidelidade e alegria. Este livro é um guia para que as reuniões em família sejam guiadas no amor de Deus: em oração, em reflexões e em ações que traduzam este amor.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





3. Evangelho: Jo 14,1-12

No domingo passado, Cristo foi chamado a “porta das ovelhas”. No evangelho de hoje, vemos com maior clareza por que Cristo é o acesso ao Pai: caminho, verdade e vida. O sentido desses três termos, que constituem uma unidade (o caminho da verdade e da vida), é apresentado mediante pequena encenação. Jesus inicia sua despedida (Jo 13,31-17,26) dizendo que sua partida é necessária: ele vai preparar um lugar para seus discípulos. Quando Jesus sugere que eles conhecem o caminho, Tomé, o céptico, responde que não o conhecem. Então, Jesus explica que ele mesmo é o caminho da verdade e da vida, o caminho pelo qual se chega ao Pai. Na Bíblia, caminho e caminhar significam muitas vezes o modo de proceder. O caminho ou caminhar reto é o que hoje chamaríamos de moral ou virtude. Portanto, se Jesus chama a si mesmo de caminho, não se trata de algo teórico, uma doutrina, mas de um modo de viver. É vivendo como Jesus viveu que conhecemos o seu caminho e encontramos a vida e a verdade às quais ele nos conduz (v. 6a). Se, pois, ele diz que ninguém vai ao Pai senão por ele (v. 6b), não está proclamando uma ortodoxia que exclui os que não confessam o mesmo credo, mas dá a entender que os que chegam ao conhecimento/experiência de Deus são os que praticam o que ele, em plenitude, praticou: o amor e a fidelidade até o fim. E isso pode acontecer até fora do credo cristão.

Depois da pergunta de Tomé, temos a pergunta de Filipe: “Mostra-nos o Pai, isso nos basta” (Jo 14,8). Ora, qualquer judeu piedoso, qualquer pessoa piedosa, quer conhecer Deus – que Jesus costuma chamar de Pai. Porém, diz João no prólogo de seu evangelho, ninguém jamais viu a Deus (Jo 1,18). Agora, Jesus explica a Filipe: “Quem me viu, viu o Pai”. Nesse momento, quando (segundo a contagem judaica) já se iniciou

o dia de entregar a vida por amor até o fim, Jesus revela que, nele, contemplamos Deus. Nosso perguntar encontra nele resposta; nosso espírito, verdade; nossa angústia, a fonte da vida. Nesse sentido, ele mesmo é o caminho que nos conduz ao Pai e, ao mesmo tempo, a verdade e a vida que se tornam acessíveis para nós. “O Unigênito, que é Deus e que está no seio do Pai, no-lo fez conhecer” (Jo 1,18). Jesus não falou assim quando realizava seus “sinais”: o vinho de Caná, o pão para a multidão, nem mesmo a cura do cego ou a revivificação de Lázaro. Pois o sentido último para o qual a atuação de Jesus apontava não era fornecer vinho ou pão, ou substituir um médico ou curandeiro, mas manifestar o amor do Pai, o Deus-Amor.

Trata-se de ver a Deus em Jesus Cristo na hora de sua entrega por amor. Para saber como é Deus, o Absoluto da nossa vida, não precisamos contemplar outra coisa senão a existência de Jesus de Nazaré, “existência para os outros”, na qual Deus imprimiu seu selo de garantia, no coroamento que é a ressurreição. Muitas vezes, tentamos primeiro imaginar Deus para depois projetar em Jesus algo de divino (geralmente, algo de bem pouco humano...). Devemos fazer o contrário: olhar para Jesus de Nazaré, para sua vida, para sua palavra e sua morte, e depois dizer: assim é Deus – isso nos basta (cf. Jo 14,8-9). E isso é possível porque Jesus, trilhando até o fim o caminho que ele mesmo é, assumindo ser a “graça e a verdade” (Jo 1,14), o amor e a fidelidade de Deus até o fim, mostra Deus assim como ele é, pois “Deus é amor”, diz o mesmo João em sua primeira carta (1Jo 4,8.16). Podemos dizer, com Paulo, que Jesus é o rosto do Pai, a perfeita imagem dele (cf. Cl 1,15). Assim como Jesus procede, Deus é. Ele está no Pai e o Pai está nele (Jo 14,11), e quem a ele se une fará o que ele fez, e mais ainda, agora que ele se vai para junto do Pai (14,12) e deixa,



por assim dizer, o campo aberto para a ação dos que creem nele, animados pelo Espírito-Paráclito (14,13-17, continuação do texto de hoje).

III. Dicas para reflexão: A manifestação de Deus- Amor em Cristo e em sua comunidade

Para o cristão, o gesto de amor e fidelidade de Jesus até o fim é a suprema revelação de Deus. Não podemos, nesta existência terrena, conhecer a Deus em si. Ele é “o além de nossos horizontes”. Mas ele se manifesta a nós no justo e santo, aquele que faz sua vontade e lhe pertence por excelência, Jesus de Nazaré. Mais exatamente: quando este, “na carne” (cf. 1Jo 4,2), leva a termo o amor e a fidelidade (“a graça e a verdade”, Jo 1,14), os traços fundamentais de Deus já manifestados no seu agir em relação a Israel (veja, por exemplo, Ex 34,6). Jesus, Palavra de Deus “acontecendo em carne” (cf. Jo 1,14), não se limita a um só povo. Toda a carne humana é assumida nesse homem, que vive o amor e a fidelidade de Deus até o fim, de modo que o que se pode dizer de Deus é isto: “Deus é amor”. Amor que ama primeiro e é conhecido em Jesus, mas também quando amamos nossos irmãos (1Jo 4,10-12).

Aí entra o pensamento acerca da comunidade eclesial, que constitui o segundo grande tema deste domingo. Como Cristo encarnou o que Deus fundamentalmente significa para a humanidade – amor radical –, sua comunidade é chamada a manifestar essa mesma realidade de Deus ao mundo. Aí está sua santa vocação, seu sacerdócio, de que participam todos os que foram batizados em Cristo (e, assim, no Pai e no Espírito). Ser cristão não é simplesmente proclamar um credo ou pertencer a uma instituição, mas encarnar o Deus-Amor trilhando o “caminho” que é Jesus.

Vida a partir da morte Meditações sobre o mistério pascal

Hans Urs von Balthasar



Na mesma medida em que a morte faz parte do cotidiano humano, ela é, também, aquilo que há de mais incompreensível. Em três profundas reflexões, o autor penetra no mistério da morte. Ele questiona acerca do paradoxo, inerente a todo homem, de querer realizar “algo de imperecível em meio à transitoriedade”, e mostra que solução oferece o cristianismo a esse paradoxo. Para isso, ele explora as profundezas do mistério pascal, a morte e ressurreição de Jesus, e seu significado para o cristão de hoje.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





6º Domingo da Páscoa
21 de maio

O Espírito plenifica nosso batismo

I. Introdução geral

A liturgia do sexto domingo pascal nos introduz na esfera de Pentecostes, aprofundando o significado da ressurreição de Cristo para nós. Pois, se a ressurreição é a vida de Cristo na glória, ele não a vive para si. Ele “ressuscitou por nós” (Oração Eucarística IV). A realização da ressurreição em nós, a presença vital do Cristo em nós, de tal modo que sejamos Cristo no mundo de hoje, o Espírito de Deus é que opera tudo isso, pela força de seu sopro de vida, pela luz de sua sabedoria, pelo misterioso impulso de sua palavra, pelo ardor de seu amor. Para completar a celebração da ressurreição, devemos abrir-nos agora para que esse Espírito penetre em nós.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 8,5-8.14-17

Na linha dos domingos anteriores, a primeira leitura descreve a expansão da Igreja, agora na Samaria. Também nessa nova fase, como na anterior, aparece o papel do Espírito Santo na comunidade cristã. Quando os apóstolos em Jerusalém ouviram que a Samaria tinha aceitado a Palavra de Deus, mandaram Pedro e João para impor as mãos a esses batizados, para que recebessem o Espírito Santo (At 8,14-15). Tal prática não era necessária: há casos em que Deus derrama o Espírito mesmo antes do batismo (At 10,44-48). Mas, de toda maneira, a presente narração nos mostra que a vida cristã não é completa sem a efusão do Espírito Santo, que os apóstolos impetravam pela imposi-

ção das mãos. O Espírito une a todos, ele é o Espírito da unidade; por isso, os apóstolos de Jerusalém vão impor as mãos aos batizados da Samaria. Um resquício disso é, ainda hoje, a visita do bispo diocesano às paróquias para conferir o sacramento da crisma, prefigurado nesta leitura de At 8. Daí dizermos que, se a Páscoa foi o tempo liturgicamente propício para o batismo, a festa de Pentecostes, que se aproxima, é o momento propício para a crisma.

2. II leitura: 1Pd 3,15-18

A segunda leitura nos conscientiza de que estamos em litígio com o mundo (cf. o evangelho). O mundo pede contas de nós, mas é a Deus que devemos prestar contas. Isso, porém, não nos exige de responder ao mundo a respeito de nossa esperança (v. 15). E essa esperança está fundada na ressurreição de Cristo. O mundo pode matar, como matou Jesus. Mas, no Espírito que fez viver o Cristo (v. 18), viveremos. Essa leitura traz a marca da teologia do martírio (melhor padecer fazendo o bem do que fazendo o mal). Porém, não devemos interpretá-la num sentido fatalista (“Deus o quer assim...”), e sim num sentido de firmeza, porque o cristão sabe que Cristo é mais decisivo para ele que os tribunais do mundo.

3. Evangelho: Jo 14,15-21

O presente domingo continua, no evangelho, a meditação das palavras de despedida de Jesus. E essa meditação introduz – duas semanas antes de Pentecostes – o tema do Espírito Santo, que João chama “o Paráclito”, ou seja, o “assistente judicial” no processo movido contra o cristão pelo “mundo” (termo com o qual João indica os que recusaram o Cristo). O “mundo” indiciou o Cristo e seus discípulos diante do tribunal (perseguições etc.). Nessa situação, precisamos do Advogado que vem de Deus mesmo e toma o lugar do Cristo (por isso, Jesus diz:



um *outro* Paráclito; Jo 14,16), já que seu testemunho vem da mesma fonte, o Pai. Graças a esse Paráclito, a despedida de Jesus não nos deixa numa situação de órfãos (v. 18). Jesus anuncia para breve seu desaparecimento deste mundo; o mundo não mais o verá. Mas os fiéis o verão, pois estão nele, como ele está neles. Tudo isso com a condição de guardar sua palavra e observar seu mandamento de amor: na prática da caridade, ele fica presente no meio de nós, e seu Espírito nos assiste. E o próprio Pai nos ama.

III. Dicas para reflexão: A iniciação cristã e a crisma

Os domingos depois da Páscoa sugerem o aprofundamento do sentido do batismo. Na mesma linha podemos considerar hoje o sacramento da crisma, que, com o batismo e a eucaristia, integra a iniciação cristã. Nas origens, o sacramento da crisma era administrado junto com o batismo, e ainda hoje sobra um resquício disso na unção pós-batismal. Quando, porém, se introduziu o costume de batizar as crianças, a confirmação e a eucaristia ficaram proteladas para um momento ulterior, geralmente no início da adolescência, pelo que a crisma adquiriu o significado de “sacramento do cristão adulto”.

No tempo de nossos avós, o dia da crisma era ocasião muito especial para as comunidades, quando o bispo vinha “confirmar” as crianças (hoje, muitas vezes, é o vigário episcopal que faz isso). De onde vem esse costume? Na primeira leitura, vemos que o diácono Filipe batizou novos cristãos na Samaria. Depois, vieram os apóstolos Pedro e João de Jerusalém para *confirmar* os batizados, impondo-lhes as mãos para que recebessem o Espírito Santo. Assim, os apóstolos, predecessores dos bispos, completaram e “confirmaram” o batismo. A confirmação do batismo pela imposição das mãos do bispo – sucessor

A Verdade é sinfônica Aspectos do pluralismo cristão

Hans Urs von Balthasar



A qualidade de execução de uma orquestra depende do fato de cada músico executar bem sua parte individual e, ao mesmo tempo, inseri-la na unidade orgânica da composição. Através da metáfora sinfônica, o autor nos ajuda a perceber que a riqueza de variedade e pluralidade de carismas e ministérios eclesiais não é incompatível com sua unidade. Ao contrário, não é necessário se afastar um milímetro sequer do centro do mistério de Cristo. É através dele que se descortina um imenso espaço de liberdade e pluralidade na unidade da Igreja católica, garantido pelo Espírito Santo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





dos apóstolos – completa o batismo e realiza o dom do Espírito Santo.

Esse sacramento chama-se “crisma”, isto é, “unção”, porque o bispo unge a fronte do crismando em sinal da dignidade e da vocação do cristão, pois *crisma* e *Cristo* vêm da mesma palavra. O adolescente ou jovem é confirmado na sua fé, pelo dom do Espírito. Agora, ele terá de assumir pessoalmente o que, quando do batismo, os pais e os padrinhos prometeram em seu nome. Para a comunidade, a celebração da crisma significa também a unidade das diversas comunidades locais na “Igreja particular” ou diocese, graças à presença do bispo ou do vigário episcopal.

O evangelho de hoje nos ensina algo mais sobre o Espírito que Jesus envia aos seus: é o Espírito da inabituação (morada) de Deus e de Jesus Cristo nos fiéis. Assim, o batismo não é mera associação de pessoas em redor do rótulo “Jesus Cristo”, mas realmente participação em sua vida e continuação de sua missão neste mundo. Por isso, o Espírito não é algo sensacionalista, como às vezes se imagina. Jesus envia o Espírito para que os fiéis continuem sua obra no mundo. Pois o lugar de Jesus “na carne” era limitado, no tempo e no espaço, e os fiéis são chamados a ampliar, com a força do Espírito-Paráclito, a sua obra pelo mundo afora. É esse o sentido profundo da crisma, que assim completa nosso batismo.

Então, a vida do cristão adulto assinalada pelo sacramento da crisma consiste sobretudo na *mística* de união com o Pai e com o Filho pelo Espírito que vive em nós e na *ética* ou modo de proceder que provenha dessa presença de Deus em nós e testemunhe, diante do mundo, a vida de Cristo, presente em nós. Ele, pela ressurreição na força do Espírito-sopro de Deus, foi estabelecido Senhor na glória. O mundo não mais o vê, mas em nossa vida de cristãos, prestes a responder por nossa esperança, realiza-se a presença de seu amor.

Ascensão do Senhor

28 de maio

A exaltação e o senhorio de Cristo e a evangelização

I. Introdução geral

Quarenta dias depois da Páscoa, a Igreja celebra a Ascensão do Senhor. Na realidade, o que se celebra hoje é bem mais do que uma aparição na qual Jesus é elevado ao céu. É toda a realidade de sua glorificação que celebramos, aquilo que os primeiros cristãos chamaram de “estar sentado à direita do Pai”. Assim, a última aparição de Jesus aos apóstolos aponta para uma realidade que ultrapassa o quadro da narração. Por isso, não precisamos preocupar-nos em “harmonizar” a ascensão segundo At 1,1-11, em Jerusalém (I leitura), com a de Mt 28,16-20, na Galileia (evangelho). Pode tratar-se de duas aparições, dois acontecimentos diferentes, que têm o mesmo sentido: Jesus, depois de sua ressurreição, não veio retomar sua atividade de antes na terra (cf. sua advertência a Maria Madalena em Jo 20,17) nem implantar um reino político de Deus no mundo, como muitos achavam que ele deveria ter feito (cf. At 1,6). Não. Jesus realiza-se agora em outra dimensão, a dimensão de sua glória, de seu senhorio transcendente. A atividade aqui na terra, ele a deixa a nós (“Sede as minhas testemunhas... até os confins da terra” [At 1,8]), e nós é que devemos reinventá-la a cada momento. Na ressurreição, Jesus volta a nós, não mais “carnal”, mas em condição gloriosa, para nos animar com seu Espírito (At 1,8; Mt 16,20; cf. Jo 14,15-20, evangelho do domingo passado).



II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 1,1-11

A primeira leitura narra a ascensão de Jesus e a missão dos apóstolos segundo o livro dos Atos dos Apóstolos. Os dias entre a Páscoa e a ascensão formam “o retiro de preparação para o desabrochar da Igreja”: 40 dias, como os 40 dias de Moisés e de Elias no Horeb, como os 40 anos de Israel no deserto. Nesses dias, Jesus deu as últimas instruções aos seus: a promessa do Espírito e a missão de evangelizar. Os discípulos não devem ficar olhando o céu, mas deverão levar a mensagem de Jesus ao mundo inteiro, “até os confins da terra” (At 1,8), e para isso receberão a força do Espírito. Até o Senhor voltar, sua Igreja será missionária.

2. II leitura: Ef 1,17-23

Na exaltação do Cristo, revela-se a força de Deus. A carta aos Efésios se inicia com um hino de louvor (vv. 2-10), seguido por um enunciado sobre o plano da salvação (vv. 11-14) e uma súplica pelos fiéis (vv. 15-19), que se expande numa proclamação dos grandes feitos de Deus em Cristo (vv. 20-23). Essa súplica e contemplação constituem a leitura de hoje. Deus ressuscitou Jesus e o fez cabeça da Igreja e do universo. A Igreja é seu “corpo”, ela o torna presente no mundo, ela é a presença atuante de Cristo no mundo. Celebrando a glorificação do Cristo, tomamos consciência de nossa própria vocação à glória. Também a oração do dia e os prefácios próprios falam nesse sentido.

Nestes tempos de “diminuição” da Igreja, podemos encontrar nessa leitura uma perspectiva maior e um ânimo mais firme. Cristo se completa em sua Igreja, e esta encontra no Senhor ressuscitado e glorioso a sua firmeza. Não há por que ficarmos medrosos e desanimados.

Conversão Pastoral Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial

José Carlos Pereira



Em 2014, a CNBB lançou o Documento 100, “Comunidade de comunidades: uma nova paróquia”. O texto atenta para a necessidade de conversão da Igreja, para que as paróquias e dioceses concentrem-se de fato na comunidade em torno delas. Neste livro, o autor José Carlos Pereira propõe um mergulho no Documento 100, a fim de extrair dele os princípios e os procedimentos básicos para que essa conversão aconteça.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



3. Evangelho: Mt 28,16-20

O evangelho é o final do Evangelho de Mateus. Traz as últimas palavras do Senhor ressuscitado: a despedida de Jesus e a missão dos apóstolos. Tudo isso à luz da compreensão que Mateus tem do evangelho. No início do evangelho, Jesus é entendido como aquele que realiza o sentido pleno da profecia do “Emanuel”, Deus-conosco (Mt 1,23). Depois, Mt 4,15-16 ressaltou que a atuação desse “Emanuel” se iniciou na “Galileia dos gentios”, primeira destinatária da mensagem da salvação, realizando assim o sentido pleno de Is 8,23-9,1. Mas, durante sua missão terrestre, Jesus se restringiu a ovelhas perdidas de Israel (Mt 10,5-6). Agora, na cena final (28,16-20), o Senhor glorioso transcende os limites de Israel. Suas palavras finais significam o universalismo da missão dos apóstolos e da expansão da Igreja. Todos os povos serão discípulos de Cristo (assinados pelo batismo). O fim do Evangelho de Mateus revela o sentido universal de todo o ensinamento nele consignado (cf. sobretudo o Sermão da Montanha, Mt 5-7).

Assim, ao celebrarmos a entrada de Jesus na glória, *não celebramos uma despedida, mas um novo modo de presença*; celebramos que ele é, realmente, o Emanuel, o Deus-conosco, para sempre e para todos (Mt 28,20). Esse novo modo de presença é um aperitivo da realidade final: assim como ele entra na sua glória, isto é, como Senhor glorioso, assim ele voltará, para concluir o curso da história (cf. At 1,11). Pouco importa como a gente imagina isso, o sentido é que, desde já, Jesus é o Senhor do universo e da história (cf. o salmo responsorial, Sl 47[46]) e nós, obedientes a sua palavra, colaboramos com o sentido definitivo que ele estabelece e há de julgar.

III. Dicas para reflexão: O senhorio de Jesus e a evangelização

Temos o costume de considerar a ascensão de Jesus (como também a ressurreição) principalmente como um milagre. Mas o sentido principal desse fato é o que exprimem os termos “exaltação” ou “enaltecimento”, a entronização de Jesus na glória de Deus. Esses termos, evidentemente figurativos, significam o seguinte. Os donos deste mundo haviam jogado Jesus lá embaixo (se não fosse José de Arimateia a sepultá-lo, seu corpo teria terminado na vala comum...). Mas Deus o colocou lá em cima, “à sua direita”. Deu-lhe o “poder” sobre o universo não só como “Filho do homem”, no fim dos tempos (cf. Mc 14,62), mas, desde já, por meio da missão universal daqueles que na fé aderem a ele. E nós participamos desse poder, pois Cristo não é completo sem o seu “corpo”, que é a Igreja, como nos ensina a II leitura.

Com a ascensão de Jesus, começa o tempo para anunciá-lo como Senhor de todos os povos. Mas não um senhor ditador! Seu “poder” não é o dos que se apresentam como donos do mundo. Jesus é o Senhor que se tornou servo e deseja que todos, como discípulos, o imitem nisso. Mandou que os apóstolos fizessem de todos os povos discípulos seus (evangelho). Nessa missão, ele está sempre conosco, até o fim dos tempos.

O testemunho cristão, que Jesus nos encomenda, não é triunfalista. É fruto da serena convicção de que, apesar de sua rejeição e morte infame, “Jesus estava certo”. Essa convicção se reflete em nossas atitudes e ações, especialmente na caridade. Assim, na serenidade de nossa fé e na vivência radical da caridade, damos um testemunho *implícito*. Mas é indispensável o testemunho *explícito*, para orientar o mundo àquele que é a fonte de nossa prática, o “Senhor” Jesus.

A ideia do testemunho levou a Igreja a fazer da festa da Ascensão o *dia dos meios de comunicação social* – a “mídia”: imprensa, rá-



dio, televisão, internet. Para uma espiritualidade “ativa”, a comunidade eclesial deve se tornar presente na mídia. Como é possível que, num país tão “católico” como o nosso, haja tão pouco espírito cristão na mídia e tanto sensacionalismo, consumismo e até militância maliciosa em favor da opressão e da injustiça?

Ao mesmo tempo, para a espiritualidade mais “contemplativa”, o dia de hoje enseja um aprofundamento da consciência do “senhorio” de Cristo. Deus elevou Jesus acima de todas as criaturas, mostrando que ele venceu o mal mediante sua morte por amor e dando-lhe o poder universal sobre a humanidade e a história. Por isso, a Igreja recebe a missão de *fazer de todas as pessoas discípulos de Jesus*.

Uma ideia que permeia a liturgia deste dia (como de todo o tempo pascal) e se exprime na oração sobre as oferendas e na oração depois da comunhão é que o cristão deve viver com a mente no céu, comungando na realidade da glorificação do Cristo. Essa participação é novo modo de presença junto ao mundo; não uma alienação, mas, antes, o exercício do senhorio escatológico sobre este mundo. Viver com a mente junto ao Senhor glorioso não nos dispensa de estar com os dois pés no chão; significa encarnar, neste chão, aquele sentido da história e da existência que em Cristo foi coroado de glória.

Pentecostes

4 de junho

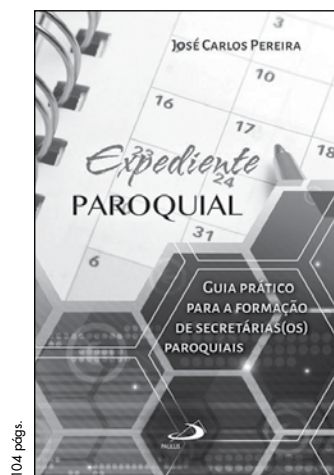
A Igreja, o Espírito e a unidade

I. Introdução geral

Pentecostes é a plenificação do mistério pascal: a comunhão com o Ressuscitado é

Expediente Paroquial Guia prático para a formação de secretárias(os) paroquiais

José Carlos Pereira



A secretaria paroquial é o “coração” de uma paróquia. Por isso, ter cuidado com esse espaço e dar formação às pessoas que nele atuam é fundamental para a vida missionária da paróquia. Elaboramos este subsídio exclusivamente para a formação de secretários e secretárias paroquiais, dando ênfase ao tema do atendimento, para que ele se transforme em acolhimento. Atentos à importância do bom atendimento pastoral, padres e secretárias(os) poderão contribuir para uma paróquia em estado permanente de missão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





completada, levada à plenitude, pelo dom do Espírito, que continua em nós a obra do Cristo e sua presença gloriosa. A liturgia de hoje acentua a manifestação histórica do Espírito no milagre de Pentecostes (I leitura) e nos carismas da Igreja (II leitura), sinais da unidade e da paz que o Cristo veio trazer. Isso porque a pregação dos apóstolos, anunciando o Ressuscitado, supera a divisão de raças e línguas e porque a diversidade de dons na Igreja serve para a edificação do povo unido, o Corpo do qual Cristo é a cabeça. Ambos os temas, a diversidade das línguas e a unidade no Espírito, alimentam a reflexão de hoje.

No antigo Israel, Pentecostes era uma festa agrícola (primícias da safra, no hemisfério setentrional). Mais tarde, foi relacionada com o êxodo, evento salvífico central da memória de Israel, no sentido de comemorar a proclamação da Lei no mon-

te Sinai. Tornou-se uma das três grandes festas em que os judeus subiam em romaria a Jerusalém (as outras são Páscoa e Tabernáculos). Foi nessa festa que se deu a “explosão” do Espírito Santo, a força que levou os apóstolos a tomar a palavra e a proclamar, diante da multidão reunida de todos os cantos do judaísmo, o anúncio (“querigma”) de Jesus Cristo. Seria errado pensar que o Espírito tivesse sido dado naquele momento pela primeira vez. Deus envia sempre seu Espírito, e o evangelho (de João) nos ensina que Jesus comunicou de modo especial o Espírito no próprio dia da Páscoa (cf. também o evangelho do segundo domingo pascal). O Espírito está sempre aí. Mas foi no dia de Pentecostes que essa realidade se manifestou ao mundo na forma do querigma cristão, aparecendo em forma de línguas e reparando a “confusão babilônica”.



Fé viva

Como a fé inspira a justiça social

Curtiss Paul DeYoung

Fé viva: como a fé inspira a justiça social é o resultado do mergulho que o professor Curtiss Paul DeYoung fez na vida daqueles que, inspirados pela fé, lutaram por mudanças sociais no século XX. O objetivo do livro é mostrar como esses ativistas desafiaram a sociedade e como vigor da fé pode transformar o mundo em um lugar melhor para todos nós.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: At 2,1-11

A primeira leitura narra o milagre das línguas no dia de Pentecostes, interpretado como acontecimento escatológico à luz da profecia de Jl 3 (cf. At 2,16-21). Mas é, sobretudo, o cumprimento da palavra do Cristo (Lc 24,49; At 1,4; cf. Jo 14,16-17.26). O sopro do Espírito se faz perceber como um vendaval ao ouvido, como fogo aos olhos. Realiza a transformação do “pequeno rebanho” – os apóstolos reunidos no cenáculo em torno de Maria – em Igreja missionária. Todos ouvem o anúncio do Crucificado-Ressuscitado na língua que eles entendem. Assim acontece também hoje. A Igreja do Cristo se reconhece pelo espaço que ela dá ao Espírito e pela capacidade de proclamar sua mensagem.

2. II leitura: 1Cor 12,3b-7.12-13

A segunda leitura ensina a unidade do Espírito na diversidade dos dons. “Jesus é o Senhor”, assim soa a profissão de fé que une a Igreja (cf. Fl 2,9-11). E essa profissão só consegue manter-se na força do Espírito (1Cor 12,3; cf. Rm 10,9). O mesmo Espírito que produz a unidade da profissão de fé dá também a multiformidade dos serviços na Igreja. Todos os que pertencem a Cristo são membros diversos do mesmo Corpo (cf. Rm 12,3-8; Ef 4,4-6). Se a primeira leitura mostra mais o que o Espírito causa para fora (a missão proclamadora), a segunda evoca mais a obra “intraeclesial” do Espírito (para dentro): do mesmo Espírito provém a multiformidade dos dons, comparada às múltiplas funções que movimentam um mesmo corpo. Paulo chama isso de “carismas”, dons da graça (de Deus); pois sabemos muito bem que tal unidade na diversidade não é algo que vem de nossa ambição pessoal (a qual, normalmente, só

Paróquia missionária Projeto de evangelização e missão paroquial na cidade

Padre Humberto Robson de Carvalho



A Igreja Católica, por escolha de Jesus, nasceu missionária e desenvolveu-se no vigor da missão. O papa Francisco sonha que o vigor da missão retorne, para que as pessoas, até o momento distantes da comunidade, tenham a oportunidade de compartilhar da amizade com Jesus. Mas como fazê-lo? Esta obra apresenta uma metodologia que vem nos ajudar a cumprir o mandato de Jesus de evangelizar e realizar o sonho do Papa Francisco.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





produz divisão). É o Espírito do amor de Deus que tudo une.

3. Evangelho: Jo 20,19-23

Esse evangelho, que retoma em parte o do segundo domingo pascal, descreve o dom do Espírito feito pelo Cristo ressuscitado. Celebramos a Sexta-Feira Santa, Páscoa e Pentecostes em três dias diferentes, mas a realidade é uma só: a “exaltação” de Cristo na cruz e na glória, fonte do Espírito que ele nos dá. Se Lucas descreve a *manifestação* do Espírito no anúncio no quinquagésimo dia da ressurreição (I leitura), João descreve o *dom* do Espírito no próprio dia da ressurreição de Jesus. Essa, de fato, é a visão joanina da “exaltação” ou “enaltecimento” de Jesus: sua morte, ressurreição e dom do Espírito constituem uma realidade única, pois sua morte é a obra em que Deus é glorificado, e seu lado aberto é a fonte do Espírito para os fiéis (Jo 7,37-39; 19,31-37). Jesus aparece aos seus, identifica-se pelas marcas de sua paixão e morte e comunica-lhes a sua paz, que ele prometera (cf. 14,27). Então, concede-lhes o dom do Espírito, que os capacita para tirar o pecado do mundo, ou seja, para continuar a missão salvadora do próprio Jesus (cf. 1,29.35). O mundo ressuscita com Cristo pelo Espírito dado à Igreja.

III. Dicas para reflexão: Laço de amor da nova criação

O Espírito do Senhor exaltado é o laço do amor divino que nos une, que transforma o mundo em nova criação sem mancha nem pecado, na qual todos entendem a voz de Deus. É essa a mensagem da liturgia de hoje. O mundo é renovado conforme a obra de Cristo, que nós, no seu Espírito, levamos adiante. Nesse sentido, é a festa da Igreja que nasceu do lado aberto do Salvador e manifestou sua missão no dia de Pentecostes. Igreja que nasce não de organizações e instituições, mas da força graciosa (“caris-

ma”) que Deus infunde no coração e nos lábios. A festa de hoje nos ajuda, assim, a entender o que é “renovação carismática”: não uma avalanche de fenômenos de um movimento religioso, mas o espírito da unidade, do perdão e da mútua solidariedade que ganha força decisiva na Igreja. O Espírito Santo é a “alma” da Igreja, o calor de nossa fé e de nossa comunhão eclesial.

Pentecostes, festa do “Divino” Espírito Santo, é oportunidade para entender melhor uma realidade central de nossa fé: o Espírito de Deus, que nos é dado em virtude de nossa fé em Jesus Cristo. O ponto de partida pode ser o Evangelho de João, que narra como, no próprio dia da Páscoa, Jesus glorioso comunica aos apóstolos, da parte do Pai, o Espírito Santo, para que exerçam o poder de perdoar os pecados. Pois Jesus é “o Cordeiro que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29), e os discípulos devem continuar essa missão.

São Lucas, na I leitura, dos Atos dos Apóstolos, distingue diversos momentos. No seu evangelho e no início do livro dos Atos, descreveu a Páscoa da ressurreição e a ascensão do Senhor Jesus como entrada na glória, com a manifestação do Espírito Santo ocorrendo poucos dias após, mais exatamente 50 dias depois da Páscoa, no Pentecostes (que significa “quinquagésimo dia”). Nesse dia, em que a religião de Israel comemora o dom da Lei no monte Sinai, descem sobre os apóstolos como que línguas de fogo, para que eles proclamem o evangelho a todos os povos, representados em Jerusalém pelos romeiros da festa, que ouvem a proclamação cada qual em sua própria língua.

Entre os primeiros cristãos, os de Corinto gostavam demais do “dom das línguas”, pelo qual eles podiam exclamar frases em línguas estranhas. Mas Paulo os adverte de que os dons não se devem tornar fonte de



desunião. Os fiéis, com sua diversidade de dons, devem completar-se, como os membros de um mesmo corpo (II leitura). No milagre de Pentecostes, um falava e todos entendiam (em sua própria língua). No “dom das línguas”, ou glossolalia, corre-se o perigo de que todos falem e ninguém entenda. Por isso, Paulo prefere um falar que todos entendam (ler 1Cor 14).

Nós hoje somos chamados a renovar o milagre de Pentecostes: *falar uma língua que todos entendam, a linguagem da justiça e do amor*. É a linguagem de Cristo, e é uma “língua de fogo”! Aliás, o evangelho nos lembra que a primeira finalidade do dom do Espírito é tirar o pecado do mundo (Jo 20,22-23). A linguagem do Espírito é a linguagem da justiça e do amor. Por outro lado, devemos reconhecer a enorme diversidade de dons no único “corpo” da Igreja. Somos capazes de considerar as nossas diferenças (pastorais, ideológicas etc.) como mútuo enriquecimento? Pomo-las em comum? O diálogo na diversidade pode ser um dom do Espírito muito atual.

Santíssima Trindade

11 de junho

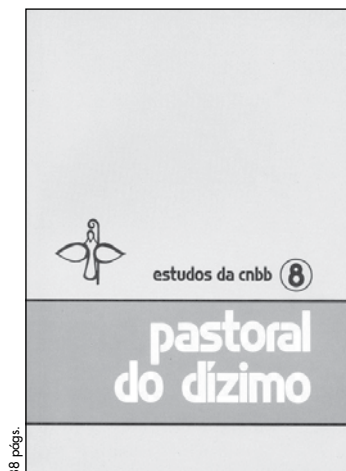
O Deus de amor

I. Introdução geral

O tempo pascal pôs-nos diante dos olhos a unidade da obra do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Cristo veio cumprir a obra do Pai e nos deu seu Espírito, para que ficássemos nele e mantivéssemos o que ele fundou, renovando-o constantemente, nesse mesmo Espírito. Assim, a festa de hoje vem completar o tempo pascal, como uma espécie de síntese. Síntese não intelectual (isso seria como a história, atribuída a santo Agostinho, da criança que queria colocar o mar num pequeno poço na areia), mas “mis-

Pastoral do Dízimo Formação para agentes e equipes paroquiais

Cristovam Iubel



A Igreja do Brasil optou pelo dízimo como meio para sustentar e investir na ação evangelizadora. Com a contribuição dos batizados, a evangelização integral é assumida pelas comunidades de fé, que crescem inclusive na consciência e na prática missionária. Este livro, em sua primeira parte, reflete sobre o dízimo como contribuição generosa para a evangelização, e na segunda parte propõe celebrações que reavivam e aprofundam o que foi refletido. O objetivo da obra é que as nossas comunidades se tornem, de fato, dizimistas-evangelizadoras.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





terial”, isto é, celebrando a nossa participação na obra das pessoas divinas. Se a oração do dia, hoje, implora pela perseverança na verdadeira fé, não visa à fé meramente dogmática, mas à adesão ao mistério que se apresenta no Pai, no Filho e no Espírito Santo. O cristão se caracteriza por não conhecer outro Deus exceto aquele que é o Pai de Jesus Cristo e doador do Espírito que animou Jesus e os seus, presente e atuante nas três “pessoas” que constituem sua realidade divina, o “acontecer de Deus” em nossa vida, na história e no universo.

Para compreender bem o espírito desta liturgia, convém aproximar a primeira leitura do evangelho, como faremos a seguir.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Ex 34,4b-6.8-9

A primeira leitura é uma das páginas mais impressionantes e, literalmente, “reveladoras” da Bíblia. Depois do episódio do bezerro de ouro e da idolatria de Israel, Moisés pediu a Deus que se mostrasse, para que ele, Moisés, pudesse continuar seu caminho contando com sua presença (Gn 33,12-23). Então, ao passar diante de Moisés, Deus revela seu íntimo, apresentando-se como Deus misericordioso e fiel (34,1-7). Deus é compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e fidelidade (v. 6). Diante desse Deus, sentimos o peso do pecado, mas também o desejo de ser seus (v. 9). Assim, o “Deus do Antigo Testamento” não é um Deus castigador, como muitas vezes se diz. Sua bondade ultrapassa de longe sua “vingança” (cf. 34,7, infelizmente suprimido no texto litúrgico). O “castigo” de Deus – o próprio mal que se vinga por suas consequências – tem fim, sua misericórdia não. Não há oposição entre o Deus do Antigo Testamento e o do Novo. É verdade que o Antigo Testamento não oferecia uma visão completa sobre Deus; Moisés

só pôde ver Deus de costas (Ex 33,23), de modo que João tem razão quando diz que ninguém jamais viu Deus, mas o Filho unigênito o deu a conhecer (Jo 1,18), pois quem vê Jesus, vê Deus mesmo (Jo 14,9). Mas o Deus do Antigo Testamento é o mesmo Deus do Novo. Deus é um só: o Deus de amor (1Jo 4,8.16). Nós é que temos, às vezes, uma visão muito parcial dele. Em Cristo, ele se deu a conhecer como aquele que ama o mundo até entregar por ele seu próprio Filho (cf. o evangelho).

2. Evangelho: Jo 3,16-18

O evangelho alude ao sacrifício de Isaac. Abraão estava disposto a sacrificar seu “filho unigênito” – sua única chance de ter um herdeiro. Assim, Deus deu ao mundo seu Filho unigênito. A obra de Cristo é o plano do amor do Pai para com o mundo. Quem o aceita na fé está salvo. O Deus que em Jesus Cristo se manifesta (cf. Jo 1,18) é o Deus da “graça e verdade” (cf. Jo 1,14.16-17), o que se pode traduzir também, conforme a índole da língua hebraica, por “amor e fidelidade”, as qualidades de Deus conforme a primeira leitura. Se na primeira leitura se falou da autorrevelação do Deus misericordioso e fiel diante de Moisés, o evangelho evoca que o amor de Deus se revela no dom de seu Filho único. O amor une Pai e Filho na mesma obra salvadora (Jo 3,16). Jesus conhece o interior de Deus (Jo 3,11) e o mostra (Jo 14,9). Deus se dá ao Filho e, diante disso, o mundo pode encontrar a salvação, a superação de suas contradições e a soltura das cadeias em que se encontra – em última análise, as cadeias do egoísmo. Assim, o ser humano é chamado a aproximar-se da luz, mas há quem se agarre às suas próprias obras, que não aguenta a luz do dia (Jo 3,19-21).

O mistério que nos envolve, hoje, é o da unidade do Pai e do Filho, no seu amor para o mundo (compare Jo 3,16 com 1Jo 3,16). Essa unidade no amor para dentro e para



fora, Agostinho a identificou com o Espírito Santo, o Espírito de amor e de unidade que, há oito dias, celebramos em Pentecostes.

3. II leitura: 2Cor 13,11-13

A segunda leitura concentra a atenção sobre aquilo que a Trindade opera nos fiéis: a graça do Cristo, o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo – tal como se repete numa das fórmulas de saudação no início da celebração eucarística. O mistério de Cristo na Igreja só se entende considerando a atuação das três pessoas divinas: o amor de Deus, que se manifesta na graça (no dom) de Jesus Cristo e opera na comunhão do Espírito, o qual anima a Igreja desde a ressurreição. O resultado é: alegria. Nesse final da segunda carta aos Coríntios, Paulo condensa toda a sua teologia. O mistério da Santíssima Trindade não está longe. Estamos envolvidos nele.

Daí ser bem adequada a saudação final, pela qual Paulo deseja aos fiéis o Deus da paz e pede que se saúdem com o “beijo santo” (o nosso “abraço da paz”) no nome das três pessoas divinas, caracterizadas por ele como segue: o Filho, graça; o Pai, amor; o Espírito, comunhão.

III. Dicas para reflexão: Amor e fidelidade

Uma pista para a atualização desta mensagem: nosso povo simples é muito comunicativo; partilha a tal ponto seus bens, pensamentos e sentimentos, que, às vezes, não faz diferença falar com fulano ou com sicrano – falando com um, fala-se com o outro. Falar com o filho da casa é a mesma coisa que falar com o pai: duas pessoas distintas, mas a “causa” (“o negócio”) é a mesma. Assim acontece também com as três pessoas divinas; que seja o Pai, o Filho ou o Espírito, a “causa” comum delas é sempre o que elas são, seu próprio ser: amor e fidelidade.

Para muitas pessoas, também as cristãs, a Santíssima Trindade não passa de um pro-

A filha de Sião **A devoção mariana na Igreja**

Joseph Ratzinger



A obra apresenta a reprodução de três conferências feitas por Joseph Ratzinger na primavera de 1975, em Puchberg, próximo a Linz, na Áustria. De acordo com Bento XVI, após anos de declínio do culto mariano na Igreja, houve um desejo a constatar, da maneira mais sóbria possível, sobre o que havia efetivamente permanecido da fé mariana e o que deveria continuar a permanecer.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





blema de matemática: como pode haver três pessoas divinas em um só Deus? Parece que esse mistério nada tem a ver com a vida delas. Se a Trindade fosse um problema matemático, deveríamos procurar uma “solução”. Na realidade, não se trata de uma fórmula matemática, mas de um resumo de duas certezas de nossa fé: 1) Deus é um só; 2) o Pai, o Filho e o Espírito Santo são Deus. Isso nos convida à “contemplação” do mistério de Deus. Pois um mistério não é para o colocarmos dentro da cabeça, mas para colocar a cabeça (e a pessoa toda) nele...

Moisés (primeira leitura) invoca o nome de Deus: “SENHOR, Deus misericordioso e clemente, lento para a ira, rico em amor e fidelidade...”. São essas as primeiras qualidades de Deus. Deus é um Deus que ama. Jesus (evangelho) revela em que consiste a manifestação maior do amor de Deus para com o mundo: ele deu o seu Filho único, que quis morrer por amor a nós. O Pai e o Filho estão unidos num mesmo amor por nós. Em sua carta, João retoma o mesmo ensinamento: “Foi assim que o amor de Deus se manifestou entre nós: Deus enviou o seu Filho único ao mundo, para que tenhamos a vida por ele” (1Jo 4,9).

Assim, tanto no Antigo Testamento como no Novo, Deus é conhecido como “amor e fidelidade”. Essas são as qualidades que se manifestam com toda a clareza em Cristo (a “graça e verdade” de que fala Jo 1,14). Em Jesus, Deus se manifesta como comunhão de amor: o Pai, Jesus e o Espírito que age no mundo, esses três estão unidos no mesmo amor por nós. Um solitário não ama. Deus não é um ancião solitário. *Deus é amor* (1Jo 4,8), *pois ele é comunidade em si mesmo*, amor que transborda até nós.

Se Deus é comunidade de amor, também nós devemos sê-lo, nele. Se tanto ele nos amou, a ponto de enviar seu Filho, que deu sua vida por nós, também nós devemos dar a vida pelos irmãos, amando-os com

ações e de verdade (cf. 1Jo 3,16-18). No amor que nos une, realizamos a “imagem e semelhança de Deus”, a vocação de nossa criação (Gn 1,26).

O conceito clássico do ser humano é ser individualista. Mas isso não é cristão... Se Deus é comunidade, e nós também devemos sê-lo, não realizamos nossa vocação vivendo só para nosso sucesso individual, propriedade privada e liberdade particular. A Trindade serve de modelo para o homem novo, que é comunhão. Devemos cultivar os traços pelos quais o povo se assemelha ao Deus Trindade: bondade, fidelidade, comunicação, espírito comunitário etc.

Como pode haver três pessoas em um só Deus? Pelo mistério do amor, que faz de diversas pessoas um só ser. Deus é comunidade, e nós também devemos sê-lo.

Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo

15 de junho

Comunhão com o dom de Cristo

I. Introdução geral

Como que prolongando a atmosfera pascal, atmosfera do mistério de nossa redenção pelo Senhor morto e glorificado, a Igreja quer celebrar de modo mais expressivo o sacramento pelo qual participamos da doação até o fim de seu corpo e sangue, conforme a palavra de Jesus na Última Ceia.

A festa de Corpus Christi não é veneração supersticiosa de um pedacinho de pão nem simplesmente ocasião para procissões triunfalistas pelas ruas. É comprometimento pessoal e comunitário com a vida de Cristo, dada por amor até a morte. É o memorial da morte e da ressurreição do Cristo, como diz a oração do dia, mas não é um mausoléu. É memorial vivo, no qual assimilamos em nós o Senhor mediante a refeição da comunhão

cristã, saboreando um antegosto da glória futura (cf. a oração depois da comunhão e a bela oração “O sacrum convivium”, de santo Tomás de Aquino). Merece atenção ainda a oração sobre as oferendas, inspirada na *Didaquê* e em 1Cor 10,17, utilizando o simbolismo do trigo e da uva reunidos até formarem pão e vinho para exprimir a unidade da Igreja em Cristo. Pois a festa de Corpus Christi é também a festa do seu Corpo Místico, a Igreja, que ele nutre e leva à unidade da mútua doação.

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Dt 8,2-3.14b-16a

A primeira leitura serve para preparar o reto entendimento do sinal do pão, ao qual o evangelho faz alusão. Já em Dt 8,3, o dom do maná, do “pão caído do céu”, é interpretado num sentido não material, mas teologal: o ser humano vive de tudo que sai (da boca) do Senhor – sua palavra, sua Lei. Ora, a Palavra por excelência é Jesus Cristo. “Foi Deus quem te alimentou no deserto...”: o maná era símbolo da completa dependência de Israel de Javé, no deserto; e também do amor e da fidelidade de Javé. A recordação disso – um jarro com o maná era conservado no santuário (Ex 16,33-34) – serve de guia para a história (Dt 8,2.14). O caminho do deserto era um ensaio de toda a história salvífica, um teste em que Deus quis mostrar seus dons a seu povo, como os continua mostrando (Dt 8,16b). Não provindo da tecnologia humana, o maná significa que o ser humano vive da Palavra e da iniciativa de Deus.

2. II leitura: 1Cor 10,16-17

Na II leitura, Paulo lembra – talvez utilizando algum hino dos primeiros cristãos – que o “cálice da bênção” (*beraká*, “brinde sagrado”) e o pão repartido na assembleia cristã são participação e comunhão do sangue e do corpo do Senhor. Essa participa-

Maria de Nazaré Breve tratado de mariologia

Daniela del Gaudio



Este livro foi escrito na intenção de oferecer uma primeira aproximação à pessoa de Maria de Nazaré, seguindo a orientação histórico-salvífica que o Concílio Vaticano II ofereceu aos cultores de mariologia; um estudo sobre Maria segundo as Escrituras, a tradição, a história. A intenção é apresentar a figura da Virgem Maria inserida no mistério de Deus, da Igreja e da humanidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





ção, ou “mistério”, faz-nos reviver a doação do Cristo e realizá-la em nossa vida. E essa comunhão do único pão nos torna o único Corpo do Cristo. Na ceia eucarística, comungamos da existência (corpo) e da morte (sangue) de Cristo. Sendo uma só essa vida que comungamos, formamos um só corpo também. Dizer isso não é um jogo de palavras: quem despreza o “corpo de Cristo” (a Igreja), ao participar da ceia de seu Corpo sacramentado, exclui-se a si mesmo da comunhão da vida (1Cor 11,29). Quem comunga em Cristo não pode comungar com os ídolos de qualquer tipo (1Cor 10,14), e sabemos que não faltam ídolos de todo tipo em nossa sociedade. Não o consumo de tudo que se nos oferece, mas a comunhão do corpo de Cristo é nossa vocação.

3. Evangelho: Jo 6,51-58

O evangelho de Corpus Christi é o final do “sermão do Pão da Vida” segundo o Evangelho de João. Depois da multiplicação dos pães, Jesus explicou o sentido do “sinal” que acabou de fazer: ele mesmo é “o pão que desce do céu” como presente de Deus à humanidade (Jo 6,26-50). E, no fim de seu discurso, explicou um sentido mais profundo ainda desse mesmo “sinal”: o sentido que celebramos na eucaristia (6,51-58). Depois de ter explicado ser o verdadeiro maná (cf. I leitura), Jesus pede que também seja tomado como alimento, em todos os sentidos: não só como alimento espiritual (alimentar-se de sua palavra, de seu mandamento e do exemplo de sua vida), mas também como alimento físico, no gesto sacramental. (No texto grego de Jo 6,54 está que devemos “mastigar” sua carne e beber seu sangue. Maior realismo dificilmente se imagina!)

Esse ensinamento, só podem entendê-lo os que têm o Espírito (6,63), os que receberam o “prometido” da Última Ceia e continuam celebrando essa ceia como realização da ordem que Cristo nos legou. Alimenta-

mo-nos de Cristo não somente escutando sua palavra, mas recebendo o dom de sua “carne” (= vida humana) e “sangue” (= morte violenta), dados “para a vida do mundo” (v. 51). Tomando o pão e o vinho da eucaristia, recebemos Jesus como verdadeiro alimento e bebida. *A sua vida, dada para a vida do mundo, até a efusão de seu sangue, torna-se nossa vida, para a eternidade.*

Esse texto é, portanto, o ensinamento eucarístico de João. Não se encontra no contexto da Última Ceia, como nos evangelhos sinóticos, mas no contexto da multiplicação do pão. Esse contexto permite mostrar melhor, por contraste, o sentido profundo, “espiritual”, que Jesus quer revelar pelo “sinal do pão”. Se, para os judeus, que pensam no maná mediado por Moisés, o “pão do céu” significa um alimento material (Jo 6,30-34), para Jesus, significa o dom de Deus que desce do céu e é ele mesmo, em pessoa (6,35-50), especialmente no dom do céu que é “sua carne (= existência humana) para a vida do mundo” (6,51; cf. a fórmula paulina da instituição da eucaristia: “meu corpo por vós” [1Cor 11,23]). Graças a esse dom, podemos ter em nós a vida que ele nos traz, a vida que não é deste mundo, mas de Deus mesmo, a vida eterna (literalmente: “a vida do século [vindouro]”). Devemos assimilar em nós a existência de Cristo por nós, sua “pró-existência” (existência para os outros). Essa assimilação se dá pela fé, pela adesão existencial, pela qual reconhecemos a verdade de Jesus e conformamos nossa vida com a sua. O sinal sagrado, o sacramento disso, é: comer realmente o pão que é sua “carne” e beber o vinho que é seu sangue. A “carne” é a existência humana, carnal, mortal; o sangue é a vida derramada na morte violenta. É isso que devemos assimilar em nós pelos sinais sagrados. A essas realidades devemos aderir na fé assinalada pelo sacramento. Devemos “engolir” Jesus bem assim como ele foi: dado ra-

dicalmente, até a morte sangrenta. Realizando autenticamente esse sinal, teremos a vida divina que ele nos comunica.

III. Dicas para reflexão: Eucaristia e comunhão

Depois da multiplicação dos pães, Jesus deu a entender que ele mesmo é “o pão que desce do céu” como um presente de Deus à humanidade. No fim dessa explicação, eclode o sentido mais profundo do “sinal”, o sentido que celebramos na eucaristia: alimentamo-nos de Cristo não somente escutando sua palavra, mas recebendo o dom de sua “carne” (= vida humana) e “sangue” (= morte violenta) dados “para a vida do mundo” (Jo 6,51). Tomando o pão e o vinho da eucaristia, recebemos Jesus como verdadeiro alimento e bebida. *A sua vida, dada para a vida do mundo, até a efusão de seu sangue, torna-se nossa vida, para a eternidade.*

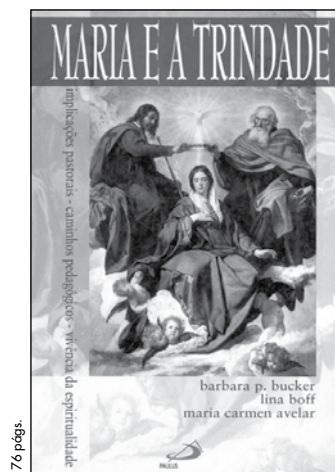
Celebrar é tornar presente. Receber o pão e o vinho da eucaristia significa assumir em nós mesmos a vida a todos nós dada por Jesus até morrer, em corpo e sangue. Significa “comunhão” com essa vida, viver do mesmo jeito. E significa também comunhão com os irmãos, pelos quais Cristo morreu (“um só pão”, como diz a II leitura).

Na oração eucarística celebrada no contexto da fé, quando o sacerdote invoca o Espírito Santo e pronuncia sobre o pão e o vinho as palavras de Jesus na Última Ceia, Jesus se torna presente, dando-nos seu corpo e sangue, sua vida dada em amor até o fim. Quando então recebemos o pão e o vinho, entramos em comunhão com a vida, a morte e a glória eterna de Jesus e também com os nossos irmãos, que participam da mesma comunhão.

Na eucaristia, torna-se presente o dom da vida de Cristo para nós. Mas a eucaristia se torna fecunda apenas pelo dom de nossa própria vida, na caridade e na solidariedade radical. Para que o pão eucarístico realize a pleni-

Maria e a Trindade **Implicações pastorais –** **Caminhos pedagógicos –** **Vivência da espiritualidade**

Barbara P. Bucker, Lina Boff e Maria Carmen Avelar



176 págs.

Este livro é uma contribuição à vida de fé do nosso povo – fé inspirada em Maria –, escrito por três teólogas que, com as comunidades, experimentaram Maria como mãe protetora, companheira de estrada e libertadora de todos os males terrenos e espirituais. Maria é apresentada, ao mesmo tempo, como mãe do céu e mãe da terra: ela em relação com a Trindade e em relação com o povo.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





tude de seu sentido, é preciso resgatar o pão cotidiano da “hipoteca social” que o torna sinal de conflito, de exploração, de desigualdade, de “anticomunhão”. Quando, ao contrário, o pão cotidiano significar espontaneamente comunhão humana, e não suor e exploração, o sentido de comunhão do pão eucarístico será mais real. Por isso, antes de falar da eucaristia, Jesus providenciou o pão comum...

11º Domingo do Tempo Comum

18 de junho

0 novo povo de Deus

I. Introdução geral

Deus quis um povo para si, um povo santo, um povo “sacerdotal”, para santificar o mundo todo em seu nome. Um povo que fi-

zesse sua vontade, realizasse seu reino: “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6; 1ª leitura). Essa vocação do povo, por ocasião da proclamação da Lei no monte Sinai, prefigura aquela vocação mais plena que, no monte da Galileia, Jesus dirigiu a doze humildes galileus. Eles são como que representantes das doze tribos de Israel, e ele os manda para a colheita messiânica, para ceifar com a palavra do evangelho, anunciando a vinda do Reino. Eles são o começo do verdadeiro Israel, o novo povo de Deus. Os sinais disso são os prodígios que os acompanham na sua missão: curam enfermos, limpam leprosos, ressuscitam mortos, expulsam demônios... (Mt 10,8, evangelho).

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Ex 19,2-6a

A 1ª leitura narra que Deus escolhe um povo para si. Este texto, que expressa a elei-



Sujeitos no mundo e na Igreja
Reflexões sobre o laicato a partir do Concílio Vaticano II
João Décio Passos (org.)

A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Por isso, tem crescido o interesse das Dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas “para” os leigos, mas “com” os leigos.

VENDAS:
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



PAULUS



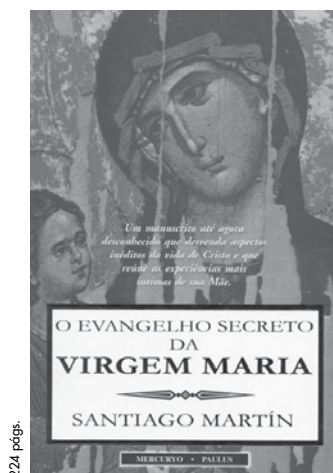
ção de Israel como povo de Deus, é o início do relato da Aliança do Sinai (Ex 19,1–24,11). Nas palavras pronunciadas por Javé, Israel é chamado de reino sacerdotal e povo santo. Javé, a quem pertencem todas as nações (v. 5: “minha é toda a terra”), faz de Israel a sua porção escolhida (seu quinhão, sua “herança”). Não porque Deus precise tomar posse dessa parte (tudo lhe pertence), mas para que essa parte escolhida dê a conhecer e celebre a sua santidade (sua transcendência e perfeição) no meio de todas as nações da terra. É essa a função “sacerdotal” do povo.

A formulação atual do texto reflete a época, depois do exílio (por volta de 500 a.C.), quando os sacerdotes estão empenhados em reconstituir o povo de Israel em torno do culto e do Templo. Ensinados pela experiência histórica, eles têm consciência de que a vocação do povo não é de exercer o domínio sobre os outros povos, mas de testemunhar a transcendência de seu Deus e o amor fiel com que ele protege o seu povo, que acaba de sair da opressão. De fato, assim como no texto do Êxodo os israelitas acabam de sair da “casa da servidão” no Egito, os contemporâneos dos autores “sacerdotais” que formularam o texto em sua forma atual acabam de sair da opressão no exílio babilônico.

Neste sentido, o texto que fala da libertação que aconteceu setecentos anos antes (v. 4: “Vistes o que fiz aos egípcios e como vos levei sobre asas de águia e vos trouxe a mim”) representa o hoje do povo depois do exílio. O povo de Deus será para o mundo o que os sacerdotes são para as tribos de Israel: celebrantes de seu nome e santidade. O povo é escolhido não para seu próprio proveito, mas para consagrar todas as nações a Javé. É essa a finalidade da Lei e de suas instituições religiosas. Isso se chama: Aliança. Como na história do Israel antigo, o mundo reconhecerá no povo renovado a mão carinhosa e santa de seu Deus.

O evangelho secreto da Virgem Marina

Santiago Martín



224 págs.

Baseado no Evangelho Apócrifo da Virgem Maria encontrado por uma monja no final do século IV durante uma viagem que empreendeu à Terra Santa, este livro reconta a vida de Cristo sob o ponto de vista de sua mãe, que, já no final da vida, tece suas recordações a João, o discípulo amado de Cristo, a quem Ele encarregou de cuidar de Maria. Com sua leitura, vai surgindo a imagem de uma mulher corajosa, que amou e sofreu muito, viu matarem o seu filho e foi capaz de resistir à prova sem perder a fé nem a esperança.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





2. Evangelho: Mt 9,36-10,8

O evangelho de hoje narra a missão dos doze apóstolos por Jesus. Anteriormente, Jesus havia mostrado por palavras e ações portentosas a irrupção do reino de Deus (Mt 5-9). Agora, sensibilizado pela necessidade do “rebanho sem pastor” (9,35), Jesus manda seus discípulos como operários à colheita do tempo final, a colheita messiânica (9,36-38). Por enquanto, a missão se restringe à região de Israel (10,5), sem entrar nos povoados e cidades dos gentios espalhados na terra da Palestina e na diáspora. Depois da Ressurreição, porém, a missão se estenderá ao mundo inteiro (28,19). Os discípulos devem anunciar a chegada do Reino por palavras e sinais (curas, prodígios), assim como Jesus o fez, pois desde que Jesus iniciou a sua obra no meio da humanidade, o mundo está sob o signo do reino de Deus.

Mateus inseriu esse episódio, significativamente, depois dos dois conjuntos iniciais da atividade de Jesus, sua pregação (Mt 5-7) e sua atividade milagrosa (Mt 8-9). A missão que os apóstolos recebem é, exatamente, a de pregar e de curar: fazer a mesma coisa que fez o Messias. Eles são seus colaboradores e continuadores na ceifa messiânica. Jesus quer pôr fim à situação desoladora de um povo que é como ovelhas sem pastor (9,36). Conforme a linguagem de Ezequiel, nos últimos tempos, Deus mesmo, através de seu Messias, reunirá as ovelhas dispersas e se tornará o Bom Pastor (Ez 34). É nesta missão que os apóstolos vão participar, realizando, assim, a plenitude do povo eleito, que, como aprendemos na 1ª leitura, é a comunidade que deve manifestar a santidade e a bondade de Deus no meio do mundo.

3. II leitura: Rm 5,6-11

A 2ª leitura não está diretamente ligada ao tema principal da liturgia de hoje, mas, ainda assim, oferece um pensamento que enriquece o tema principal. Continuando a

lectio continua da carta de Paulo aos Romanos, como nos domingos anteriores, o texto de Rm 5,6-11 vem oportunamente sublinhar um subentendido fundamental das duas outras leituras: a “compaixão”, a misericórdia, o amor gratuito de Deus. Ele nos amou enquanto éramos inimigos (prova maior da gratuidade do amor!) e deu seu Filho por nós.

Se, porém, se quiser escolher um texto alternativo que acompanhe melhor as duas outras leituras, ou embuti-lo na homilia, apresenta-se o texto da 1ª carta de Pedro que descreve a comunidade cristã como nação santa, sacerdócio real (1Pd 2,5-10). O conjunto da carta mostra, então, como o autor concebia, naquele tempo da segunda geração cristã, a vocação desse novo povo de Deus e novo Templo, construído com pedras vivas: a vida santa da comunidade testemunhal no meio de um mundo desorientado, mas ao mesmo tempo em busca de valores superiores e disposto a perguntar aos cristãos acerca das “razões de sua esperança” (1Pd 3,15).

III. Dicas para reflexão: O novo povo de Deus

O evangelho narra a vocação e missão dos doze apóstolos de Jesus. No Antigo Testamento, Deus escolheu as *doze* tribos de Israel para ser seu “povo sacerdotal”, povo que devia celebrar e mostrar aos outros povos a santidade de Javé, sua Lei e seu reinado (1ª leitura). Ora, o evangelho conta que Jesus encontrou a massa popular abatida e exausta. Pede a seus discípulos, em número não especificado, que rezem para que Deus envie “trabalhadores” para a “colheita messiânica”, ou seja, para reconstituir, a partir dessa massa dispersa, o povo de Deus. De acordo com a estrutura do antigo povo das doze tribos, Jesus chama *doze* “trabalhadores” para dar início à colheita que deve constituir o *novo povo de Deus*. Esses doze traba-



lhadores, Jesus os manda anunciar o Reino e curar as doenças. E, pensando no “aqui e agora”, manda-os primeiro às ovelhas desgarradas de Israel, para, depois de sua ressurreição, enviá-los a todas as nações (Mt 28,16-20).

Nosso povo também está abatido, oprimido. Observamos a decadência social, e até física, das populações das periferias e do interior, a desorientação dos jovens, a violência crescente, o desinteresse pelo empenho político por uma sociedade justa e fraterna... Tudo isso não nos deve desanimar: é um desafio. A tarefa de congregar o povo na justiça e na fraternidade continua. A consciência comunitária e a missão evangelizadora poderão transformar a situação, como acontece, por exemplo, nas comunidades que se articulam preferencialmente com aqueles que sempre são passados para trás, os pobres, os marginalizados, para viver realmente o evangelho.

Jesus envia os doze a anunciar e a curar. As curas são sinais de que no âmbito da missão de Jesus se realiza aquilo que Deus deseja, o bem de seus filhos. Em nossa missão evangelizadora, a palavra deve vir acompanhada da prática transformadora. É preciso apresentar “amostras do Reino”. As palavras falam, os exemplos atraem.

A vocação que Cristo dirige aos “trabalhadores” não é algo meramente individual, só para nossa santificação pessoal. Chamando *doze* trabalhadores, o número das tribos de Israel, Jesus manifesta a intenção de constituir um *povo* para Deus. Se Jesus toma como referência as doze tribos de Israel, símbolo de sua própria tradição religiosa e cultural, isso é uma lição para nós. Povo para Deus não se constrói destruindo sua identidade. Será que nós respeitamos, ou melhor, devolvemos à multidão popular (índios, negros...) a sua identidade? E enviamos a eles “trabalhadores” que representem as feições próprias deles?

Viver com Maria

Luiz Alexandre Solano Rossi



Este livro é fruto de uma amadurecida meditação cristã sobre as coisas da vida, enquanto iluminadas pela figura ímpar da Mãe de Jesus. Nele, o autor mostra, com eficácia, a maravilhosa luz interior que dimana da existência, quando se projeta sobre a figura luminosa da Virgem. É, sobretudo, o cotidiano que ganha, assim, leveza e esplendor. E tal é, de fato, a virtude da presença de Maria: familiarizar-nos com o mistério de Deus enquanto presente no coração das vicissitudes e dos dramas da existência. Com efeito, Maria é o grande prisma que concentra a luz da Revelação para irradiá-la suave e abundantemente sobre toda a realidade, conferindo-lhe um encanto todo particular.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





Deus e Jesus quiseram a ajuda de um povo. O reino de Deus não pode ser realizado sem o povo, ainda que seja fraco e até inconfiável (como revela o caso de Judas no tempo de Jesus e a fragilidade do povo que se entrega às ilusões do consumismo hoje). O paternalismo pastoral (fazer *para*, mas não *com*...) não leva a nada. Para serem “povo”, é preciso que as pessoas participem ativamente, pelo anúncio e pela ação transformadora, da realização do reino de Deus.

12º Domingo do Tempo Comum
25 de junho

Professar nossa fé em Cristo, protagonista da vida e da graça

I. Introdução geral

Poucos anos atrás, sobretudo em certos ambientes intelectuais e nas universidades, era comum alguém esconder sua fé cristã e, muito mais, seu catolicismo. Pensava-se que, no intuito de respeitar as convicções de todo mundo, não cabia mostrar a própria fé. Se é que se tinha. Ora, tal atitude é desonesta. Se quero realmente dialogar com alguém, tenho de mostrar o que eu penso. Diálogo não é uma guerra de trincheira. A verdade nasce do diálogo das verdades de cada um. Não posso escondê-las, embora possa mostrá-las pouco a pouco para deixar o diálogo amadurecer.

O ocultamento da fé não ficou sem reação. De repente, houve a volta da religiosidade, sobretudo de certa religiosidade popular e tradicional, não amadurecida no diálogo com a consciência do mundo atual e nem sempre interessada em ouvir “as ale-

grias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos os que sofrem”, de que fala a primeira frase da Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II. Nem toda religiosidade que se apresenta como cristã é espelho do evangelho de Jesus Cristo.

Assim, entre o indiferentismo, por um lado, e as manifestações de religiosidade sensacionalista, por outro, o que significa a verdadeira profissão de fé no Cristo do evangelho?

II. Comentário dos textos bíblicos

1. I leitura: Jr 20,10-13

A primeira leitura de hoje trata do profeta perseguido e da firmeza que ele encontra em Deus. Jeremias vive no tempo do declínio do poder do Egito, arrimo dos reis de Judá naquele tempo. O novo poder da região são os babilônios. Essa é a realidade da história, e contra fatos não há argumentos. Jeremias tem de proclamar a verdade que Deus lhe faz ver com lucidez profética. É decisivo não aquilo que serve para o rei, ligado ao Egito, mas aquilo que serve para o povo todo, exposto a uma possível invasão dos babilônios. Jeremias ameaça as autoridades pró-egípcias, anunciando a destruição de Jerusalém e a deportação do povo no exílio babilônico. Por isso, o rei e as autoridades de Jerusalém querem condená-lo por alta traição. Ele está abandonado por todos e até acha que Deus o fez “entrar numa fria”, como sugerem os versículos imediatamente anteriores a nossa leitura (Jr 20,7-9). Mas o profeta reencontra a certeza de que Deus está com ele, como no começo de sua vocação (v. 11, cf. Jr 1,19). Deus “salvou a vida de um pobre homem das mãos dos maus” (v. 13).

O salmo responsorial (Sl 69[68],8-10.14.17.33-35) vem oportunamente subli-

nhar a figura do justo perseguido, que, contudo, é confiante em Deus.

2. Evangelho: Mt 10,26-33

O centro da liturgia da Palavra de hoje é o final do sermão missionário do Evangelho de Mateus. No domingo passado, ouvimos o início desse sermão, em que Cristo convida a orar para que Deus envie operários para a colheita, para anunciar o evangelho do Reino. Hoje ouvimos a exortação final à profissão de fé intrépida, num contexto de resistência e até de perseguição. Sem dúvida, a missão é uma alegria, mas também, muitas vezes, um sinal de contradição, semelhante à sorte de Jeremias, o profeta rejeitado da 1ª leitura. Nos versículos que precedem o trecho de hoje, Jesus tinha predito as perseguições (10,17-25). Agora ressoa sua exortação final: não devemos temer os homens (10,26.28.31). Os apóstolos não precisam importar-se com a própria vida: a mensagem será ouvida (10,28-31). A promessa final (10,32-33) vale tanto para o ouvinte quanto para o pregador: quem se solidariza com Cristo tem a solidariedade de Cristo.

Morrer ou ser rejeitado pelos próprios destinatários da mensagem é uma constante na vida dos profetas. É o que ocorreu a Jeremias e também à Igreja perseguida, e nunca houve tantos mártires cristãos como em nossos dias! A mensagem do profeta e de Cristo é para que não tenhamos medo: na provação, Deus está com quem professa a fé nele. Essa presença de Deus – em Cristo – é um tema preferido do Evangelho de Mateus. Constitui a moldura de seu evangelho. Em Mt 1,23, Jesus é chamado “Emanuel, Deus conosco”. No fim, Jesus ressuscitado declara: “Estarei convosco até o fim do mundo” (28,20). Quando a Igreja cumpre sua missão profética, não deve reear os que matam o corpo, pois Deus cuida até de um par de pardais. Até os cabelos de nossa cabeça estão contados (evangelho, vv. 28-29).

Virgem Maria Mãe em plenitude

Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus



Fascinado pelo mistério da maternidade espiritual de Maria, Mãe da Vida, Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus viveu imerso na irradiação de sua presença. As orações e meditações que se agrupam no presente volume nasceram de seu olhar contemplativo e filial. As palavras do autor revelam-nos o essencial da Virgem Maria e o lugar central que ocupa, em sua função de Mãe, na vida da Igreja e na existência do cristão.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





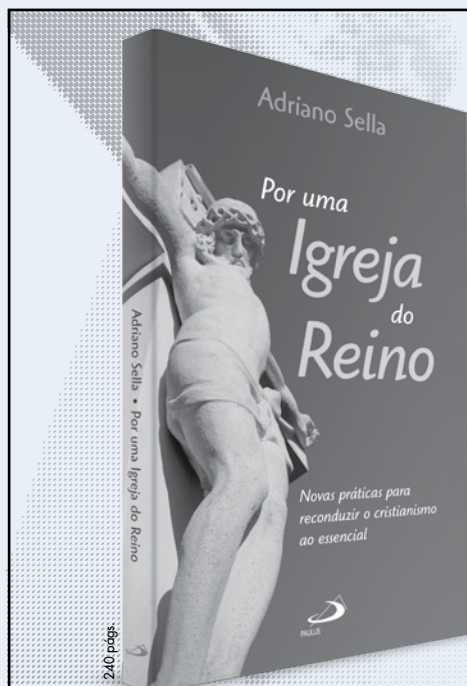
Quem confessar o Cristo diante dos homens, Cristo o “confessará” diante de Deus: dará uma palavrinha de recomendação. Mas quem se envergonhar por causa de Cristo, o Filho do homem (título escatológico com que Jesus se identifica) terá vergonha dele também diante do Pai. Isso aí não é uma espécie de revanche de Jesus. É a mais pura lógica: Jesus veio para ser o servo e profeta da justiça, da vontade salvadora do Pai. Ele nos associou a sua obra (cf. domingo passado). Então, se nós o renegamos, que fazemos da missão que ele nos confiou? Como poderíamos ainda ter parte com ele? Se ele não pode contar com nossa adesão – ainda que frágil –, nós também não podemos contar com ele, pois somos seus amigos, e amizade é recíproca.

A primeira Igreja era muito severa quanto à desistência da fé, a “apostasia”. Tinha consciência de que não é possível ser amigo pela

metade, fiel “dia sim, dia não”. Os que vacilavam eram severamente censurados e, se recaíssem, eram excomungados, entregues ao juízo de Deus. Por não termos bem presente a origem de nossa fé, nós já não somos mais tão exigentes; mas a amizade com Jesus é exigente por si, independentemente de vivermos num ambiente marcado pelo materialismo bruto, pelo indiferentismo ou até por uma religiosidade que não se preocupa com o reino de Deus e com sua justiça – a justiça da fraternidade que Deus deseja para todos os seus filhos. Às vezes é até mais fácil dizer a um ateu: “Eu ponho minha fé em Jesus de Nazaré” do que explicar, a certas pessoas que bradam *slogans* cristãos, que a *fé prática*, ensinada por Cristo, começa com a bem-aventurança dos pobres.

3. II leitura: Rm 5,12-15

A segunda leitura continua com a carta



Por uma Igreja do Reino

Novas práticas para reconduzir o cristianismo ao essencial

Adriano Sella

“Menos mestres, mais testemunhas; menos livros religiosos, mais Bíblia.” Eis uma das pistas que Adriano Sella sugere neste livro, com a preocupação de promover no interior da Igreja a renovação que muitos invocam. Das reflexões aqui presentes nasceu um percurso em que o leitor é colocado diante da realidade eclesial de hoje e estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.

VENDAS:

11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br



aos Romanos (cf. domingo passado). O trecho de hoje é muito significativo e muitas vezes mal explicado. Inicia-se dizendo que todos precisam de salvação. Com o pecado de Adão (= “o ser humano”), o pecado e a morte vieram sobre todos (5,12). Mas o que Paulo quer anunciar não é isso; é apenas o pano de fundo. O que Paulo quer anunciar é que, com Cristo, chegaram a graça e a reconciliação, tão universais quanto o pecado de Adão. A morte já não domina. Prova disso é a ressurreição de Cristo. Se a graça, o projeto original de Deus, ficou alijada pelo pecado que pesa sobre a humanidade desde seu primeiro ancestral, agora, pelo contrário e de modo superlativo, todos recebem a graça gratuitamente – uma tautologia! – por Cristo, que deu sua vida por todos. Jesus passa Adão a limpo.

III. Dicas para reflexão: Perseguição e firmeza

Inúmeros – hoje mais que nunca – são os perseguidos, martirizados e mortos por defenderem a justiça e a solidariedade. Quem é profeta é perseguido, mas, se permanece fiel à sua missão, Deus não o abandona. Quem luta por Deus pode contar com ele. É o que nos ensina a primeira leitura.

Jesus enviou seus discípulos para anunciar e implantar o reino de Deus. No evangelho de hoje, ele ensina aos discípulos-seguidores a firmeza profética. Ensina-os a não ter medo daqueles que matam o corpo, mas a viver em temor diante daquele que tem poder para destruir corpo e alma no inferno, o Juiz supremo (Mt 10,28).

Jesus representa o Pai, e o Pai endossa a obra de Jesus. Quem for testemunha fiel de Cristo será por ele recomendado a Deus. Isso era válido no tempo em que o evangelho foi escrito, quando se apresentavam as perseguições e as deserções. Continua válido hoje. Se formos fiéis a Cristo, que nos associa à sua missão, podemos confiar que Deus mesmo

Maria, mulher de Deus e dos pobres

Clara Temporelli



264 ppgs.

O propósito deste livro é resgatar a figura de Maria a partir de uma releitura dos dogmas marianos. A autora parte do interesse teológico com o fim de aprofundar a figura de Maria a partir da fé da Igreja, e enfrentar o desafio de descobrir o mistério de Maria e do desígnio salvífico nas definições dogmáticas: mistério que tem a ver com Maria e a mulher, com Maria e o projeto de Deus para a humanidade.

Imagens meramente ilustrativas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

SAC: (11) 3789-4000 – Opção 4

VISITE NOSSA LOJA VIRTUAL
paulus.com.br





não nos deixará afundar. Em Jesus está nossa firmeza. Por isso respondemos com convicção “Amen” (= “está firme”) à invocação “por Cristo, com Cristo e em Cristo” no fim da oração eucarística. Se, porém, deixarmos de dar nosso testemunho e cedermos diante dos ídolos (poder, lucro, manipulação etc.), espera-nos a sorte dos ídolos: o vazio, o nada... É uma questão de opção.

Proclamar o Reino em solidariedade com Cristo significa, hoje, empenho pela justiça. Empenho colocado à prova por forças externas (perseguições, matanças de agentes pastorais junto ao povo) e internas (desânimo, acomodação etc.). No nosso engajamento, podemos confiar em Deus e em sua providência; e, por causa de Deus, podemos confiar em nosso engajamento, permanecer firmes naquilo que assumimos, mesmo correndo perigo de vida. Pois é melhor morrer do que desistir do sentido de nossa vida. *É melhor morrer em solidariedade com Cristo do que viver separado dele.*

A mensagem principal do evangelho de

hoje é a posição central de Jesus em nossa vida. É isso que devemos dar a conhecer por nossas palavras e ações. É segundo nossa fé professada em Jesus ou segundo nossa negação dele que nossa vida é julgada diante de Deus. Isso não é ambição desmedida de Jesus, mas mero realismo. O caminho que Jesus nos mostra, e a respeito do qual ele pede nosso testemunho, é o caminho da vida. Não podemos, diante do mundo, professar o contrário, pois então negamos, sob os olhos de Deus, o caminho de vida que, em Jesus, ele nos proporciona. É uma questão que diz respeito a Deus, referência última do nosso viver. Não podemos concordar com um sistema econômico, social, político e até pretensamente cultural que exclui, cada dia mais, as pessoas da paz e do bem-estar comum e, inclusive, leva ao abismo o próprio ambiente da vida humana. Não é para um sistema de morte que Jesus deu sua vida. Devemos professar Jesus que deu sua vida para que todos tenham vida e possam viver na abundância da graça que ele trouxe ao mundo. ●

Liturgia Diária

O periódico LITURGIA DIÁRIA facilita o contato com a Palavra de Deus na liturgia e na leitura pessoal; favorece uma melhor assimilação e compreensão da liturgia da missa.

As edições são mensais e trazem as leituras e orações da missa de cada dia, comentários, preces, pequenas biografias dos santos das memórias a serem celebradas, partes fixas da missa, orações eucarísticas e roteiros de outras celebrações.

Para fazer assinatura, entre em contato com o Setor de Assinaturas da Paulus:

Tel.: (11) 3789-4000 • 0800-164011

E-mail: assinaturas@paulus.com.br